INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

IBN KHALDUN

AUTOBIOGRAFIA

TRADUÇÃO INTEGRAL E DIRETA DO ÁRABE

DE

JOSÉ KHOURY

membro do INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

E

ANGELINA BIERRENBACH KHOURY

Catedrática de Ciências na Escola Normal
Alexandre de Gusmão, desta Capital

EDITORA COMERCIAL SAFADY LIMITADA

SÃO PAULO
1958

OPINIÃO DA IMPRENSA

A "FILOSOFIA SOCIAL" DE IBN KHALDUN

Jamil Almansur Haddad

O casal José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury, deu-se ao trabalho afanoso e quase terrível de, nas suas horas de ócio, verter para o português, diretamente do original árabe, e juntando-lhes prefácio e notas, os **Prolegômenos** de Ibn Khaldun.

Pràticamente, nesta terra ninguém sabe quem é Ibn Khaldun, homem do norte da África, principalmente da Tunísia. Diga de quem se trata, E. F. Gautier no seu "Les Siècles Obscurs du Maghreb": "Único e esmagador, chega mesmo a ser genial. Durante a Idade Média, a história do Magrib seria uma mixórdia indecifrável, sem Ibn Khaldun... Que um homem sòzinho, ou quase sòzinho, possa restituir à humanidade a sua memória, abolida no decorrer de um milênio, e isto para uma porção importante do planêta, eis aí uma grande honra".

Carra de Vaux, no "Les Penseurs de l'Islam" esclarece ainda: "Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História. A psicologia dos povos, as causas de suas variações, o modo de formação e de evolução dos impérios, a diversidade das civilizações, o que as corrompe ou lhes estorva a marcha, são questões que êle apresenta da maneira mais consciente na obra intitulada **"Os Prolegômenos".**

O "Dictionnaire des Sciences Economiques", 1955, considera-o "o precursor dos economistas". Por sua vez, Baudin: "Surpreendemo-nos ao constatar o rigor do método baseado sôbre a lei da causalidade, e o número de conceitos, novos em seu tempo, que são tratados quatrocentos anos antes de Adam Smith. Ibn Khaldun analisa a divisão do trabalho, a especialização por profissão e ofício... Não exageramos em considerá-lo um grande precursor. Ibn Khaldun admitiu o carácter produtivo dos serviços, coisa que o próprio Smith não chegou a admitir; deve-se-lhe uma teoria a respeito da moeda, do valor, deve-se-lhe, sobretudo, o que constitue a primeira teoria relativa ao "optimum" de população.

Podemos incluir aí uma opinião brasileira (V. de Miranda Reis: "Ensaios de Síntese Sociológica"): "Ibn Khaldun, que foi único, excepcional, verdadeiro fenômeno do século XIV, com uma visão sociológica adiantadíssima, não só relativamente aos seus contemporâneos, mas ainda aos Montesquieus, aos Comtes, e aos aprioristas, unilateralistas atuais dos quais não poucos muito teriam que aprender com êle".

Os Prolegômenos aparecerão em nossa língua, em três alentados volumes. Não tenho adjetivos para qualificar o mérito dessa tradução. O mínimo que dela se pode dizer, é que se trata de um acontecimento de primeira grandeza na própria bibliografia universal.

(Paisagem e Memória — "Folha da Manhã" de 10 de julho de 1958)

* * *

Judas Isgorogota

Se o aparecimento do genial Ibn Khaldun — o Pai da Sociologia — no século XIV, confirma a tese de que os grandes surtos do pensamento sucedem-se aos períodos de maior esplendor, por isso que o notável historiador do Magrib surgiu em plena decadência do Império árabe ,não menos injustificável deve ser incluí-lo entre aqueles que, vindos da Idade Média, propiciaram ao mundo moderno os primeiros clarões da Renascença.

(conclui na terceira página da capa)

AUTOBIOGRAFIA

DE

IBN KHALDUN

Viveu Ibn Khaldum numa época que Gautier chama de "grand Tournant de l'Histoire". O século XIV: véspera dos Grandes Descobrimentos; véspera da Renascença; mas vasto palco sob cuja cena desenrolavam-se ainda os últimos dramas do Mundo Medieval: desmoronamento do domínio árabe andaluz, reduzido agora à Granada; o redemoinho do caótico Magrib e das Terras de Ifríkya em que rodopiavam os grandes reinos berberes, Hafsidas, Merinidas, Almohadas, Almoravidas e Beduinos Hilalianos; no Oriente, Cairo e Damasco, Síria e Egíto, entregues à anarquia faustosa dos Mamelucos, apavorados ante a avalanche mongol, que tinham afogado Bagdad num mar de sangue; entre êste apagar das luzes das civilizações medievais e o despontar dos primeiros raios da Renascença, aparece a grande figura de Ibn Khaldun emoldurada por estas duas grandes épocas da História. Esta circunstância realça sobremodo seu papel de Historiador, e lhe permite transmitir-nos o fio de Ariana, que se perdia sob os escombros...

Mas, não é sòmente como Historiador que Ibn Khaldun é um traço de luz iluminando uma série de séculos.

O papel de Ibn Khaldun é muito superior ao de um cronista, embora tenha escrito uma obra histórica considerável, única nesta época em país muçulmano. Personalidade literária excepcional, dotado de uma visão tão larga quão profunda, e de um espírito de análise pouco comum, Ibn Khaldun quiz fazer também obra de Filósofo, elaborando com muita sagacidade a síntese de seus conhecimentos históricos. Empreendimento único, e sem precedente, desde os grandes nomes da Filosofia Helênica, por suas proporções, sua envergadura e o cabedal de conhecimentos que encerra, a obra de Ibn Khaldun evidencia uma personalidade excepcional como inteligência e perspicácia, verdadeiros dotes de criação genial

que bastam, por si só, para chamar a atenção sôbre as peripécias de sua existência, por ser lícito admitir-se que certamente estas têm reflexo na sua obra.

Mesmo para isso, Ibn Khaldun nos poupou esfôrço e inútil indagação. Êle consignou no fim de sua Obra, à guisa de assinatura, uma Autobiografia completa, recheada de fatos preciosos. É curioso como esta idéia lhe tenha vindo ao espírito. Isto também é marca de sua inteligência divinatória: pressentira instintivamente a necessidade que teríamos de esclarecer um atestado histórico pela biografia da testemunha.

Os Tradutores
S. Paulo, 19 de julho de 1959

INDÍCE

DOS MESMOS AUTORES:

Já em circulação:

IBN KHALDUN: OS PROLEGÔMENOS, VOL. I

No Prelo:

IBN KHALDUN: OS PROLEGÔMENOS, VOL. II e III

VOL. IV, SÍNTESE DA FILOSOFIA SOCIAL DE IBN KHALDUN.

AUTOBIOGRAFIA DE IBN KHALDUN

A família Khaldun é de origem sevilhana; transportou-se para Tunes nos meados dos século VII (da H.), na época da emigração que se seguiu à tomada de Sevilha pelas tropas de Ibn Adfonso, rei de Galícia (1). O nome por inteiro do autor desta notícia biográfica é: Abu Zaid Ad'ul-Rahman, filho de (Abu Bacr) Muhammad, filho de (Abu Abd Allah) Muhammad, filho de Muhammad, filho de Al-Haçan, filho de Muhammad, filho de Jaber, filho de Muhammad, filho de Ibrahim, filho de Abd'ul-Rahman, filho de Khaldun (2). Para remontar até Khaldun, forneço aqui uma série de dez avós sòmente; mas sérias razões me levam a crer que a lista comportaria bem outros dez, que certamente caíram no olvido. Com efeito,

---

(1) — É Ferdinando III, filho de Afonso IX e soberano dos Reinos de Leão e de Castela, acabou de conquistar Sevilha em novembro de 1248. Foi em conseqüência dêste acontecimento que grande número de muçulmanos de Espanha emigrou para a África.

(2) — Na Mauritânia e na Espanha, as grandes famílias de origem árabe se distinguiam por nomes particulares que escolhiam nas suas listas genealógicas. Adotavam geralmente o nome menos usado, e, por conseguinte, o mais notável. Se a lista genealógica se compunha de nomes de emprêgo geral, escolhiam um que fôsse composto de três consoantes, ao qual ajuntavam o sufixo **ão**. Foi dêste modo que se formaram os nomes de Hafsun, Badrun, Abdun, Zaidun, Khaldun, Azzun. Na opinião de Dozy (Baiyan, t. II, p., 48) esta terminação é bem realmente o aumentativo espanhol que termina hombrón, (homem grande); perrón, cachorro grande; grandón, mugerona; etc., formas aumentativas de hombre, perro, grande muger. Inútil acrescentar que temos em português o mesmo aumentativo. Ibn Badrun, de Silves, deve seu aumentativo certamente a influências portuguêsas. (Esta última observação é da responsabilidade dos Tradutores).

se Khaldun, o primeiro antepassado que se estabeleceu na Andaluzia, alí penetrou na época da conquista (árabe), o espaço de tempo que nos separa dêle seria de setecentos anos: exatamente o equivalente a vinte gerações, à razão de três gerações por século (3). A nossa origem remota é de Hadramut, tribo árabe de Iaman; liames de sangue nos prendem a esta tribo na pessoa de Uail Ibn Hojr, chefe árabe que foi um dos Companheiros do Profeta. Abu Muhammad Ibn Hazm (4) relata na sua *Jamhara* o seguinte: "Uail era filho de Hojr, filho de Saad, filho de Masruc, filho de Uail, filho de An-Numan, filho de Rabiah, filho de Al-Harith, filho de Malik, filho de Chorahbil, filho de Hadrami, filho de Amr, filho de Abd Allah, filho de Auf, filho de Jochm, filho de Abd-Chams, filho de Zaid, filho de Luai, filho de Thabt, filho de Codama, filho de Ajab, filho de Malik, filho de Luai, filho de Cahtan. Teve um filho chamado Alcama Ibn Uail, e um neto de nome Abd Al-Jabbar Ibn Alcama".

Êste Uail está citado por Abu Omar Ibn Abd Al-Barr (5), no seu livro *"Al-Istiab"*, sob a letra "uau": "Uail foi prestar sua homenagem ao Profeta, e êste, tendo estendido no chão a sua capa, fê-lo sentar em cima dela e disse: Grande Deus!

---

(3) — Ver como o Autor chega a estabelecer esta equivalência, nesta mesma obra, p. 306-307.

(4) — Ibn Hazm (Abu Muhammad Ali) é chamado também Al-Dahiri, tradicionalista e historiador, nascido em Córdova em 994 E. V. e falecido perto de Niebla em 1064. O seu livro, **Jamharat Al-Ansab**, é uma coletânea de notícias genealógicas. Miguel Asin Palacios verteu para o espanhol a principal obra de Ibn Hazm, o "**Fisal**", com o título: Aben Hazam De Cordoba y su Historia critica de las Ideas Religiosas, precedida de uma magistral introdução em que analisa a obra dêste filósofo andaluz, que foi também historiador, poeta, jurisconsulto, teólogo, exegeta, moralista, escritor, político e polemista. Em nossa Introdução à Obra de Ibn Khaldun, voltaremos a tratar dêsse seu precursor. (Nota dos Trad.).

(5) — Ibn Abdal-Barr, tradicionalista e historiador, nasceu em Córdoba e faleceu em 160 H. (1070 de J. C.). O **Istiab** é uma biografia geral dos Companheiros do Profeta. Chamamos a atenção do leitor sôbre as datas que inserimos nas notas: quando damos duas, trata-se naturalmente da Hegira e da Era Critsã, sem indicação. Quando dermos sòmente uma delas, será seguida de H., para a Hegira, ou de E. V. trantando-se da outra. (Nota dos Trad.).

derramai vossas bênçãos sôbre Uail e sôbre seus filhos e os filhos dos seus filhos até o dia da ressurreição. Ao despedir-se, foi acompanhado por Muawia Ibn Abi Sufian, que o Profeta encarregou de ensinar ao povo de Uail o Corão e o Islamismo. Desde então se ligou a Muawia por laços de grande amizade. Por ocasião da subida de Muawia ao califado, Uail foi prestar homenagem (a seu antigo companheiro de viagem); mas declinou aceitar o presente (6) que o príncipe lhe ofereceu. Quando do levantamento sedicioso de Hojr Ibn Adi Al-Kindi (7) na cidade de Kufa, Uail e outros chefes Yamanitas que obedeciam às ordens de Ziad Ibn Abi Sufian, uniram suas fôrças contra o perturbador". Sabe-se que, fiado na palavra dêstes chefes, entregou-se nas suas mãos, e, mandado para Muawia, foi executado por ordem dêste.

"Entre os descendentes de Uail, diz Ibn Hazm, contam-se os Banu Khaldun de Sevilha, família cujo antepassado Khalid chamado Khaldun, deixou o Oriente para se fixar na Andaluzia. Era filho de Othman, filho de Hani, filho de Al-Khattab, filho de Curaib, filho de Madi-Carib, filho de Al-Harith, filho de Uail, filho de Hojr". O mesmo autor diz: "Curaib Ibn Othman e seu irmão Khalid, neto de Khaldun, se assinalaram entre os chefes mais insubordinados da Andaluzia". "Muhammad, diz o mesmo autor, irmão de Othman, deixou descendentes, e um dêles foi Abu'l-Aci, Amr, filho de Muhammad, filho de Khalid, filho de Muhammad, filho de Khaldun. Abu'l Aci deixou três filhos: Muhammad, Ahmad e Abd Allah. Entre os descendentes de Othman, irmão de Muhammad, nota-se Abu Muslim Omar Ibn Khaldun (8), filósofo

---

(6) — O presente de que se trata é a gratificação ou indenização que se pagava a todo o combatente ao partir para a campanha.

(7) — Hojr, um dos Sahaba ou Companheiros de Muhammad, distinguiu-se por seu devotamento para com a família de Ali, genro de Muhammad. Tramando uma revolta contra Muawia, em Kufa, onde governava Ziad Ibn Abi Sufian, Hojr, mal socorrido pelos partidários, fugiu, escondendo-se na casa de um amigo. Tendo obtido um salvo conduto, deixou-se conduzir ao pé de Muawia, que ordenou fôsse executado. (53 H.).

(8) — Abu Muslim Omar Ibn Khaldun, geómetra, astrónomo e médico, nativo de Sevilha. Morreu em 1057 de J. C. Sôbre Maslama, ver supra p. 174, nota 27.

andaluz e discípulo de Maslama, de Madrid, filho de Khalid, filho de Othman (9), filho de Khaldun. Seu primo paterno, Ahmad, era filho de Muhammad, filho de Ahmad, filho de Muhammad, filho de Abdallah (10). O último da posteridade de Curaib, chefe já mencionado, foi Abul Fadl Muhammad, filho de Khalaf, filho de Ahmad, filho de Abd Allah, filho de Curaib".

DE MEUS ANTEPASSADOS NA ANDALUZIA

Nosso antepassado, chegando à Andaluzia, estabeleceu-se em Carmona, com uma fração de sua tribo, os Hadramut. Sua descendência propagou-se nesta cidade, para muito depois se transferir para Sevilha. A família fazia parte do "Jund" do Iaman (11). Curaib e seu irmão Khalid, descendentes de Khaldun, notabilizaram-se na revolta que rebentou em Sevilha no reinado do Emir Abd Allah Al-Marwani (12). Omaiya

(9) — O MS da Bib. de Paris repete aqui a menção: "filho de Khalid, filho de Othman".

(10) — Impossível conciliar esta genealogia com a precedente.

(11) — Jund, colônia militar. Após a conquista da Síria e do Iraque, os Califas mandaram a êstes países tribos árabes, umas da raça mudarita, outras, da iamanita, e as estabeleceram como colônias militares, ou **Jund.** Na síria havia cinco **"jund"**: o de Kinnasrin, nas cercanias de Alepo; o de Homs; o de Damasco; o de Al-Urdun (Jordão); e o da Palestina. O Iraque possuia, pelo menos, duas destas colônias, a de Kufa e a de Basra. Grande parte das tropas que compunham os exércitos dos Califas era tirada dos Jund. No ano 51 H., os dois Jund reunidos de Kufa e de Basra, forneceram um contingente de cinqüenta mil soldados a Rabia Ibn Ziad, que se ia instalar no govêrno do Khoração. Foram os Jund da Síria que forneceram destacamentos para a conquista de Andaluzia: o de Kinnasrin estabeleceu-se em Jaen; o de Homs, em Sevilha; o de Damasco, na província de Elvira; o de Jordão, em Raya (província de Málaga; e o da Palestina, na província de Sidônia. Ver: Macarri, e Dozy: His. des Musul. d'Espagne, t. I, p. 268).

(12) — Al-Marwani, o Marwanida, o 7.º soberano da família omaiyada da Andaluzia. A dinastia foi chamada marwanida, por ser o fundador dela, Abd'ul-Rahman, bisneto do califa Ibn Marwan (Abd Al-Malik).

Ibn Abi Abda, depois de se apoderar do govêrno de Sevilha, guardou o poder durante alguns anos, até cair assassinado por Ibrahim Ibn Hajjaj, que se insurgiu contra êle por instigação do Emir Abd Allah Al-Marwani. Data êste acontecimento da segunda metade do III século da H. Quero dar uma notícia sumária do que se passou nesta revolta segundo as informações tiradas por Ibn Said (13) dos escritos de Al-Hijari (14), de Ibn Haiyan (15) e de outros historiadores: todos êstes, devem suas informações ao historiógrafo de Sevilha, Ibn Al-Achâth, cuja autoridade lhes serve de garantia.

Durante as comoções que agitaram a Andaluzia durante o reinado do Emir Abd Allah, as personagem de maior destaque aspiraram à independência e lançaram-se na revolta. A rebelião foi provocada por três chefes encabeçando as maiores famílias: — 1.º Omaiya, filho de Abd Al-Gaffar e neto de Abu Abda, o mesmo Abu Abda que fôra nomeado governador da cidade e da Província de Sevilha por Abd'ul-Rahman, o primeiro dos Omaiya que penetrou em Andaluzia. Omaiya ocupava alta posição na corte de Córdova e tinha governado as províncias mais importantes do império. — 2.º, Curaib, chefe da família Khaldun. Tinha como seu lugar-tenente seu mano Khalid. "A família Khaldun, diz Ibn Haiyan, é ainda hoje, uma das mais ilustres famílias de Sevilha. Ela sempre brilhou pela alta posição ocupada por seus membros nos comandos militares e nas ciências". — 3.º, Abd Allah Ibn Hajjaj, chefe da família dos Hajjaj. "Esta família, diz Ibn Haiyan, faz parte da família de Lakhm, e mora ainda em Sevilha. É um velho tronco bem enraizado cujos ramos continuam florescendo. Destacou-se sempre em produzir chefes e sábios de um talento superior. Mais ou menos pelo ano 280,

(13) — Ibn Said, historiador e geógrafo, nascido em Granada em 1214 E V, falecido em Túnis em 1287-88. Deve-lhe, entre outras obras, uma valiosa história do Magrib intitulada "Al-Mugrib fi Hula'l Magrib".

(14) — Al-Hijari, isto é, nativo de Guadaljara. Abu Muhammad foi tradicionalista, legista e historiógrafo; faleceu em Ceuta, em 1195 E. V.

(15) — Ibn Haiyan, ver p. 9, nota 14. Al-Achâth nos é totalmente desconhecido.

enquanto um espírito geral de rebelião agitava a Andaluzia, o Emir Abd Allah confiou seu filho, o jovem Muhammad, aos cuidados de Omaiya, filho de Abd Al-Gaffar, que acabava de nomear governador de Sevilha. Chegando ao novo pôsto, Omaiya tramou uma conspiração contra seu soberano, incitando em segredo os aludidos chefes a se revoltarem contra seu pupilo e contra si próprio. Tendo-se encerrado dentro da citadela com o jovem príncipe, deixou-se ali sitiar pelos rebeldes. Obtendo Muhammad, dos revoltosos, licença para sair e se juntar ao pai, Omaiya aproveitou-se da ocasião da ausência do príncipe para se atribuir o comando supremo. Mandou assassinar então Abd Allah Ibn Al-Hajjaj, e deu seu lugar a Ibrahim, irmão da vítima. Querendo firmar sua autoridade e assegurar-se da obediência das famílias Khaldun e Hajjaj, guardou junto de si como reféns os filhos de ambas as famílias. Constatando a pouca disposição que demonstravam para obedecer-lhe, obrigou-as a sujeitarem-se com a ameaça de lhes matar os filhos. Para obterem a liberdade dêstes, comprometeram-se, sob juramento, a serem-lhe fiéis; mas, logo em seguida, se revoltaram de novo e atacaram a Omaiya com tanto ímpeto que êste resolveu morrer de armas na mão. Depois de fazer degolar suas próprias mulheres, decepar os jarretes de seus cavalos, e lançar às chamas seus haveres mais preciosos, atirou-se para o meio dos assaltantes e combateu até sucumbir. Os vencedores entregaram sua cabeça aos insultos da populaça, e mandaram dizer ao Emir Abd Allah que tinham matado o governador por se ter revoltado contra a autoridade de seu soberano. Êste, premido pela necessidade de não lhes desagradar, aceitou a desculpa e lhes mandou como governador, um dos próprios parentes, chamado Hicham Ibn Abd'ul-Rahman. Instigados por Curaib Ibn Khaldun, prenderam o oficial e mataram-lhe o filho. Curaib apressou-se então a se apoderar do govêrno de Sevilha. Ibn Said relata o que segue firmado na autoridade de Al Hajari: "Depois da morte de Abd Allah Ibn Hajjaj, seu irmão Ibrahim quis apoderar-se do poder, e, para melhor sucesso, contratou aliança e matrimônio com a família de Ibn Hafsun (16), um dos revoltosos

(16) — Dozy contou as aventuras dêste homem notável, no II vol. da Hist. des Mus. D'Esp.

mais temíveis da Andaluzia, que se tinha assenhoreado da cidade de Málaga e de tôda aquela província até Ronda. Tendo depois abandonado seus novos aliados, voltou-se para Curaib Ibn Khaldun, grangeou sua amizade e tornou-se seu lugar-tenente no govêrno de Sevilha. Curaib oprimia os habitantes e lhes demonstrava ao extremo seu desprezo, ao contrário de Ibrahim, que os tratava com carinho e intercedia a favor dêles perante seu chefe. Depois de captar dêste modo a afeição do povo, na medida em que Curaib a perdia, mandou pedir secretamente ao Emir Abd Allah cartas de nomeação para o pôsto de governador de Sevilha, com o intuito de assegurar para si, por meio dêste documento, tôda a confiança de seus administrados. Obtido o diploma desejado, deu conhecimento de seu conteúdo aos principais chefes da cidade, que, sendo-lhe todos devotados, declararam-se contra Curaib, cujo procedimento os indignava. O povo se levantou, matou Curaib e mandou a sua cabeça ao Emir Abd Allah. Ibrahim tornou-se assim senhor de Sevilha".

"Ibrahim, diz Ibn Haiyan, residia umas vêzes em Sevilha, outras vêzes no castelo de Carmona, uma das praças mais fortes da Andaluzia. Era ali que tinha sua cavalaria. Arregimentou tropas, organizou-as, e, para cultivar a amizade do Emir Abd Allah, mandava-lhe dinheiro, ricos presentes e socorros em homens, sempre que havia barulho de guerra. Sua côrte constituiu um centro de atração; seus louvores estavam em tôdas as bôcas; os homens de boa estirpe que procuravam eram cumulados de ricos presentes; os poetas celebravam suas nobres qualidades e grangeavam valiosos prêmios; Abu Omar Ibn Abd Rabbihi, o autor do *Icd* (17), solicitava seu padroado exclusivo e o preferia a todos os outros chefes que se tinham insurgido contra os Omaiyas (18). Reconhecendo o alto mérito dêste autor, Ibrahim o cumulava de benefícios".

A família Khaldun conservou sempre, em Sevilha, a alta posição de que falam Ibn Haiyan, Ibn Hazm e outros escritores. Perdurou sem interrupção esta prosperidade todo o

---

(17) — Ver supra p. 37, nota 19.

(18) — No Baiyan, t. II, p. 137 e ss, achar-se-á a lista nominativa dêstes chefes.

tempo que durou o reinado dos Omaiyas, sòmente vindo a desaparecer na época em que a Andaluzia se viu esfacelada em muitos reinos independentes. A casa dos Khaldun, não tendo mais a multidão de clientes que fazia sua pujança, veio a perder também o comando. Quando Ibn Abbad consolidou sua autoridade em Sevilha, abriu para a casa Khaldun a carreira do vizirato e dos cargos administrativos. Os membros que dela faziam parte estiveram presentes com Ibn Abbad e Yuçuf Ibn Tachefin na batalha de Zellaca, e muitos dêles padeceram o martírio. Nesta jornada, o rei dos Galícios (Afonso VI, rei de Leão e de Castela) sofreu uma derrota completa. Durante a refrega, os Khaldun quedaram inabaláveis ao pé de Ibn Abbad, sucumbindo de armas na mão. Foi com a ajuda de Deus sòmente que os muçulmanos puderam arrebatar a vitória. Em seguida a êstes acontecimentos e à ocupação da Andaluzia por Yuçuf Ibn Tachefin e seus Almoravidas, o domínio dos árabes foi derrubado, e as suas tribos se desorganizaram.

DE MEUS AVÓS EM IFRÍKYA

Os Almohadas, povo que teve por soberanos Abd Al-Mumin e seus filhos, arrebataram a Espanha aos Almoravidas e confiaram, em diversas ocasiões, o govêrno de Sevilha, da Andaluzia ocidental (19), ao dignatário mais eminente do seu império, o Cheikh Abu Hafs, chefe da tribo de Hintata. Mais tarde, elevaram a êste pôsto seu filho, Abd Ul-Uahid; depois, nomearam para o mesmo pôsto, o filho dêste último. Nesta época, nossos maiores de Sevilha faziam causa comum com os Almohadas, e um de nossos avós maternos, de nome Ibn Al-Muhtacib, presenteou o novo regente com uma jovem cativa da Galícia. Abu Zacaria a tomou por concubina e teve dela muitos filhos, a saber: Abu Yahia Zacaria, Omar e Abu Bacr. O primeiro foi seu sucessor designado, mas veio a falecer antes do pai. Esta mulher levou o título de Omm-Al-

(19) — Compunham a Andaluzia ocidental as províncias cujos rios desembocavam no Oceano Atlântico; a Andaluzia oriental compreendia os países cujos rios desaguavam no Mediterrâneo.

-Kholafa, Mãe dos califas. Posteriormente ao ano 620 H., Abu Zacaria passou a governar a província de Ifríkya; depois, no ano 625 H. (1228) E. V.), repudiou a soberania dos descendentes de Abd Ul-Mumin, declarou-se independente, e tornou-se senhor dêste país. Por volta da mesma época, o império dos Almohadas na Andaluzia se desmoronava, e Ibn Hud rebelou-se contra êles (20). Quando da morte dêste príncipe, tôda a Espanha muçulmana se achava subvertida; o rei cristão a atacou com encarnecimento, fazendo freqüentes incursões na fronteira (21), formada pela planície que se estende de Córdova e Sevilha até Jaen. Ibn Al-Ahmar se revoltava em Arjona, fortaleza situada na Andaluzia ocidental (22), esperando preservar os últimos restos da Espanha muçulmana. Recorrendo ao conselho municipal de Sevilha (23), corpo cujos membros pertenciam às famílias de Al-Baji, de Al-Jid, de Uazir, de Sayd Annas e de Khaldun, convidou-o a declarar-se contra Ibn Hud, e a deixar Frontera ao rei cristão, para se limitar a conservar a posse das montanhas do litoral e das praças fortes desta região, desde Málaga até Granada, e de lá até Almeria. Como êstes chefes não viram a necessidade de abandonar seu país, Ibn Al-Ahmar rompeu tôdas as relações com êles e com seu presidente Abu Marwan Al-Baji. Desde então, reconheceu ora a soberania de Ibn Hud, ora a do príncipe da família de Abd Ul-Mumin, reinante em Marrocos, ora a do Emir Abu Zacaria, soberano de Ifríkya. Estabelecendo-se em Granada, tornou-a capital de seu reino, e deixou Frontera sem defesa e as cidades que encerrava. A família Khaldun, apercebendo-se do perigo que as excursões do rei cristão lhe faziam correr, no futuro, abandonou Sevilha, e dirigindo-se para Ceuta na costa oposta do Mediterrâneo, estabeleceu-se nesta cidade. O rei cristão não tardou em se lançar contra as praças fortes de Frontera, e, no espaço de

---

(20) — Ver a **Histoire des Berb.** t. II, p. 379.

(21) — O texto árabe traz "frontera", reproduzindo o têrmo espanhol: frontera.

(22) — Entre Córdova e Jaen.

(23) — Sabe-se que nesta época Sevilha tinha se constiutído em república. Cf: Dozy: Hist. Musulm. Esp. t. IV, p. 7 ss.

vinte anos, apoderou-se de Córdova, de Sevilha, de Carmona e de Jaen, assim como das dependências destas cidades.

Chegando a Ceuta, a família Khaldun uniu-se por laços matrimoniais com a dos Al-Azafi(24), aliança que teve certo brilho e fama. Entre os seus membros emigrados para além do Estreito, se achava nosso avô Al-Haçan Ibn Muhammad, filho de uma filha de Ibn Al-Muhtacib. Querendo fazer valer os serviços que seus ancestrais prestaram outrora à família de Abu Zacaria, veio ter à côrte dêste Emir, que lhe dispensou uma acolhida honrosíssima. Depois do que, viajou para o Oriente, e, havendo cumprido o dever da peregrinação, retomou o caminho da África, onde o esperava, ao pé do Emir Abu Zacaría, então em Bona, a mesma fervorosa acolhida. Desde aquêle momento, até a sua morte, viveu na sombra tutelar do império Hafsida, desfrutando os favores do príncipe, que lhe tinha atribuído apontamentos e feudos (ictâ). Veio a falecer em Bona e ali foi enterrado. A mocidade de seu filho Abu Bacr Muhammad foi favorecida com a mesma proteção e cumulada das mesmas bondades régias. O falecimento do Emir Abu Zacaria, acontecimento havido em Bona no ano 647 (1249), não diminuiu em nada a prosperidade de que gozava. Mustansir Muhammad, filho e sucessor de Abu Zacaria, o manteve na posição avantajada de que usufruia. O curso dos acontecimentos seguiu seu rumo costumeiro: Mustansir morreu em 675 (1277) e seu filho Yahia (Al-Uathic) veio a lhe suceder; mas o Emir Abu Ishac chegou de Espanha, onde se tinha refugiado durante a vida de seu irmão Mustansir, e se apoderou de Ifríkya, depois de destronar o sobrinho. O novo soberano confiou a nosso avô as funções de Amir Al-Achgal (ministro das operações financeiras), investido das mesmas atribuições que os grandes dignatários almohadas outrora encarregados de desempenhar essas funções. Assim, cabia-lhe o direito de nomear os perceptores, de os destituir e de pedir-lhes contas com o emprêgo da tortura). Abu Bacr desincumbiu-se dêstes deveres do melhor modo. Mais tarde, quando o sultão Abu Ishac mandou a Bugia seu filho e su-

(24) — Para a história desta família distinta, ver **Hist. des Berbères**, t. IV p. 64, 198 ss.

cessor designado, pelo nome de Abu Fares, indicou-lhe como primeiro ministro (hajib) nosso bisavô Muhammad (filho de Abu Bacr), que, logo mais, pediu sua demissão e tomou o caminho da capital. O impostor Ibn Abi Omara, apoderando-se de Túnis, sede do império Hafsida, prendeu a Abu Bacr, e, depois de lhe ter arrancado tôda sua fortuna por meio de torturas, mandou estrangulá-lo dentro da prisão. O sultão Abu Ishac, acompanhado de seus filhos e de nosso bisavô Muhammad, filho de Abu Bacr, encaminhou-se para Bugia, onde esperava encontrar refúgio; mas, chegando a esta cidade, foi pôsto a ferros pelo próprio filho, Abu Fares. Êste último, pôs-se em seguida à testa de suas tropas, e levando consigo seus irmãos, marchou contra o pretendente, que se fazia passar por Al-Fadl, filho de Al-Uathic Al-Machluh. Após a batalha da Marmajanna (25), tão funesta para os Hafsidas, nosso bisavô Muhammad, presente nela, achou meios de escapar com Abu Hafs, filho do Emir Abu Zacaria; e, acompanhados de Al-Fazazi e de Abu'l Huçain Ibn Sayd Annas, foram refugiar-se em Calat-Sinan (26). Al-Fazazi era cliente de Abu Hafs e êste dispensava-lhe predileção marcada. Ibn Sayd Annas, que tinha ocupado uma posição mais elevada que Al-Fazazi em Sevilha, cidade natal de ambos, experimentou um tão vivo descontentamento desta preferência que foi juntar-se ao príncipe Abu Zacaria (filho de Abu Ishac) na cidade de Tlemcen, onde lhe aconteceu o que temos contado (na História dos Berberes) (27). Quanto a Muhammad Ibn Khaldun, ficou ao pé do Emir Abu Hafs, que, tornando-se senhor do império, concedeu "ictâ" a êste fiel servidor, o inscreveu sôbre a lista dos chefes militares, e, reconhecendo nêle mais habilidade que à maioria dos oficiais de sua côrte, escolheu-o para suceder a Al-Fazazi no cargo de primeiro ministro. Abu Hafs teve como sucessor Abu Acída Al-Mostancir, neto de seu irmão. Elegeu como ministro Muhammad Ibn Ibrahim-Dabbagh, antigo secretário de Al-Fazazi, e Mu-

---

(25) — Hist. des Berbers, t. II, p. 393.

(26) — Calat-Sinan: castelo da Tunísia, situado a Nordeste de Tebessa. A quatro léguas mais longe e na direção Este, situa-se a aldeia de Marmajanna, a Berremadjena dos mapas.

(27) — Hist. des Berbères, t. II, p. 399.

hammad Ibn Khaldun, que recebeu o título de vice-hajib, e conservou a função até à morte do soberano. Quando o Emir Abu'l Baca Khalid subiu ao trono, deixou a Ibn Khaldun as honras que desfrutava, mas não o empregou. Abu Yahia Ibn Al-Lihiani, que lhe sucedeu, favoreceu ainda mais Ibn Khaldun, e se felicitou dos serviços relevantes que êste lhe prestou, e da habilidade que demonstrou num momento em que os Árabes nômades iam tomar o poder. O Emir mandou-o defender a península (28) contra os Delaj, tribo de Árabes de Sulaim estabelecida nesta região, defesa em que, mais uma vez, Ibn Khaldun brilhou. Depois da queda de Al-Lihiani, partiu para o Oriente e cumpriu com o preceito de visitar Meca, no ano 718 H. (1319). Mais tarde, tomado do desejo de renunciar ao mundo, e voltar-se para Deus, empreendeu mais uma peregrinação surrerogatória, no ano 723, e recolheu-se na solidão de sua casa. O sultão conservou-lhe todos os favores e as honras anteriormente tributadas, e continuou a conceder-lhes grande parte dos emolumentos e pensões com que o Estado o tinha gratificado. O príncipe convidou-o muitas vêzes, mas inùtilmente, para tomar o lugar de primeiro ministro. Sôbre o assunto, Ibn Mansur Ibn Mozni (29) me contou os seguintes pormenores que passo a relatar: "O hajib Muhammad Ibn Abd Al-Aziz Al-Kordi, chamado Al- Mizuar (30), faleceu em 227 (1327) e o sultão chamou teu avô, para tomá-lo como hajib e conselheiro privado. Não conseguindo decidí-lo a aceitar êstes cargos, pediu-lhe conselho para a escolha de uma pessoa capaz de desempenhar condignamente o ofício de Hajib. Muhammad Ibn Khaldun indicou-lhe o governador de Bujaya, Muhammad, filho de Abu'l-Haçan Ibn Sayd Annas, como pessoa bem qualificada, tanto por seus talentos como por sua habilidade, para tal dignidade. Lembrou-lhe também que, desde longa data, a família

(28) — Trata-se da grande península que se estende ao sul e a leste do golfo de Túnis. Antigamente chamada Cherik, agora chama-se Dakhol.

(29) — Al-Mozni, célebre emir de Biskra e do Msab (Cf, Hist. des Berb. t. III, p. 124 ss.

(30) — Mizuar, introdutor das visitas, de zara, ziarat: denominação magrebina.

dêste oficial tinha servido o soberano em Sevilha e em Túnis. É um homem, acrescentou êle, tão capaz quanto eu para ocupar êste ofício, por seu profundo sentimento religioso e pela influência que lhe outorga o número de seus clientes. O príncipe, gostando do conselho, mandou chamar Ibn Sayd Annas e deu-lhe a investidura de Hajib". Tôdas as vêzes que o sultão Abu Yahia (Abu Bacr) se ausentava de Túnis, confiava a guarda da cidade a meu avô, cuja inteligência e devotamento inspirava uma confiança sem limites.

No ano 737 (1336-37), ao falecer meu avô, meu pai, Abu Bacr Muhammad, deixou a carreira militar e administrativa para dedicar-se à ciência (a lei) e à devoção. Era tanto mais inclinado a êste gênero de vida quanto tinha sido criado sob os olhares do célebre legista Abu Abd Allah Az-Zubaidi, o homem de Túnis mais notável por seu profundo saber e por seu talento de mufti, e que se tinha consagrado às práticas da vida devota, seguindo o exemplo do pai, Hoçain, e de seu tio Haçan, que foram ambos ascetas de nomeada. Desde o dia em que meu avô renunciou aos negócios, passava seu tempo ao lado de Abu Abd Allah, e meu pai, que tinha sido entregue aos cuidados dêste doutor, aplicou-se ao estudo do Alcorão e da lei. Meu pai cultivou com paixão a língua árabe e era versado em todos os ramos da arte poética. Filólogos de profissão recorriam a seu critério — fato que testemunhei — e lhe submetiam seus escritos. Faleceu, arrebatado pela grande epidemia do ano 749 (31).

DE MINHA EDUCAÇÃO

Vi a luz em Túnis no primeiro dia do mês de Ramadan do ano 372 (27 de maio de 1332 de J. C.) e fui criado e educado sob as vistas de meu pai até a época de minha adolescência. Aprendi a ler o santo livro, tendo por mestre de escola Abd Allah Muhammad Ibn Nazal Al-Ansari, oriundo de Jalla, localidade da província de Valência, na Andaluzia, que

(31) — Foi a epidemia chamada peste Negra do ano de 1349 de J. C.

fizera seus estudos com os primeiros mestres desta cidade e dos arredores, e sobrepujava a todos seus contemporâneos no conhecimento das diversas leituras corânicas (32). Um de seus preceptores nesta disciplina foi o célebre Abu'l Abbas Ahmad Ibn Muhammad Ibn Al Bataui, célebre Leitor, que tinha estudado com mestres de autoridade reconhecida. Depois de aprender de cor todo o texto do Alcorão, aprendi a sua leitura segundo as sete lições, com o mesmo Al-Bataui, aprendendo primeiro cada lição separadamente, e depois em conjunto, o que meu deu ocasião de reler o Alcorão vinte e uma vêzes, dedicando, em seguida, mais uma sessão para o conjunto das sete leituras. Terminei êste gênero de estudos pela leitura do Alcorão segundo os ensinamentos de Yacub (33). Duas obras que estudei com êste mestre, aproveitando-me de suas observações, foram o poema de Chatebi sôbre as lições corânicas, intitulado *Lamiya,* e um outro poema do mesmo autor sôbre ortografia do Alcorão e intitulado *Raya* (34). O mestre deu-me nesta matéria os mesmos ensinamentos didáticos que êle mesmo tinha recebido de Al-Betrani e outros mestres. Li igualmente sob sua direção o *Tafassi,* obra composta por Ibn Abd Al-Barr sôbre as tradições relatadas no *Muwatta* (35), no qual o autor seguiu o plano de sua outra obra sôbre o mesmo assunto, o *Tamhid,* limitando-se, todavia, na primeira ùnicamente às tradições (36). Estudei ainda com êle grande número de livros, entre outros, o *Thashil* de Ibn

---

(32) — Entre os primeiros muçulmanos que sabiam de cor o texto integral do Alcorão, havia sete cuja autoridade, como tradicionalistas corânicos, era universalmente reconhecida. Mas como divergiam na pronúncia de certas palavras, nas pausas e nas intonações, forçoso foi reconhecer que havia sete variantes de Leituras ou edições, tôdas autênticas, do Alcorão.

(33) — Yacub Ibn Ishac Al-Hadrami, leitor do Alcorão, morreu no ano 205 H. (820-21).

(34) — S. de Sacy deu uma notícia analítica dêste poema em **Notices et Extraits,** t. VIII, p. 333 e ss.

(35) — Coletânia de tradições feita por Malik Ibn Anas, que serviu de base ao sistema de jurisprudência (ou escola) malekita.

(36) — Tamhid tratava não sòmente da autenticidade das tradições, mas também dos princípios de direito derivados das mesmas.

Malik (37), e o *Mukhtaçar* ou Resumo de jurisprudência, da lavra de Ibn Al-Hajib (38); porém, cultivei a arte gramatical sob a direção de meu pai, assim como com a ajuda de muitos emientes professôres da cidade de Túnis, que passo a citar:

1.º O cheikh Abu Abdallah Muhammad Ibn Al-Arabi Al-Haçairi, doutor gramático e autor de um comentário sôbre o Tashil.

2.º Abu Abdallah Muhammad Ibn A-Chuach Az-Zarzali.

3.º Abu'l Abbas Ahmad Ibn Al-Cassar, gramático de vasto saber e autor de um comentário sôbre a Burda, poema célebre dedicado aos louvores do Profeta. Ainda é vivo e reside em Túnis.

4.º Abu Abd Allah Muhammad Ibn Bahr, o primeiro gramático e filólogo de Túnis. Assistia eu com assiduidade a seu curso, e reconheci que, de fato, era um verdadeiro Bahr (oceano) de sabedoria em relação a tudo que dizia respeito à língua árabe. Conformando-me com seus conselhos, decorei os *Seis Poetas* (39), o livro de *Hamaça* (40) (de Abu Tammam)

---

(37) — Ibn Malik (Jamal Ad-Din Abu Abd Allah), célebre gramático e autor do **Alfiya** e do **Tahsil**, faleceu em 672 H. (1273-4 E. V.). O Thasil fornece esclarecimentos sôbre tôdas as questões que pode suscitar cada regra da gramática; teve grande número de comentadores. Seu **Alfiya**, publicado por S. de Sacy, continua em tôdas as mãos.

(38) — Jamal Ad-Din Abu Omr Othman, nativo de Jaen, Espanha, e apelidado de Ibn Al-Hajib, era legista da escola de Malik. Seu Mukhtaçar e seu Kafiya (poema didático com K por única rima) são pequenos tratados de gramática, que tiveram muitos comentadores.

(39) — Coletânea das obras poéticas de seis antigos poetas árabes, dos mais famosos, a saber: Amru'l Cais, Nabiga, Alcama, Zuhair, Tarafa e Antara. Para maiores pormenores ver: A. Kahn: Lit. Árabe, passim, numerosos extratos. Huart: Litt. arabe, ch. II, Poésie anteislamique. Em vernáculo, numerosas e excelentes traduções do francês, etc. e nenhuma do original. (Nota dos Trad.).

(40) — Hamaça é outra coletânea de poesia épica, publicada por Freytag e traduzida em alemão por Ruckert; Abu Tammam, que a organizou, e que foi poeta, e um dos maiores, da língua árabe, nasceu em 180 ou 188., perto de Damasco. A Hamaça se divide em 10 livros e contém grande parte das melhores páginas da poesia árabe desde os tempos mais antigos até ao período abbassida. Morreu em 845-46 de J. C.

Habib, uma parte dos poemas de Mutanabi (41) e muitos outros trechos de poesias citadas no *Kitab Al-Agani* (42)

5.º Chams Ad-Din Abu Abd Allah Muhammad Ibn Jabir, autor de muitas obras sôbre suas viagens pelo Oriente. Era chefe tradicionalista de Túnis. Ouvi suas explicações de todo o *Muwatta,* assim como o livro de Muslim Ibn Hajjaj, (com exceção de uma pequena parte que trata da caça) (43). Ensinou-me também uma parte dos *Cinco Tratados Elementares* (44); deu-me a conhecer grande número de livros de gramática e de direito, e me deu uma *ijaza* (45) geral. Quanto aos ensinamentos que me comunicava, citava as autoridades com que tinha estudado a matéria, e cujos nomes tinha registrado num caderno. Um dos mais conhecidos entre êles, era

---

(41) — Mutanabbi, (915-955), uma das maiores glórias da poesia árabe, e cuja influência continua a se exercer sôbre a poesia mesmo atual. Ainda hoje é um dos poetas mais lidos na Síria, no Egito e em todo o mundo árabe, não sòmente por causa da ousadia de sua filosofia e do ardor de seus sentimentos pró-árabes, mas também por suas qualidades literárias. Ver Blachère: Un Poète arabe du X Siécle; F. Garielli: La Vita di Al-Mutanabbi; Nacif Al-Yazigi: Al-Urf at-Taiyb, etc. (Nota dos Trad.).

(42) — Kitab Al-Agani, a maior coletânea de poesia árabe e do que se relaciona com a música e a literatura árabe. Esta imensa compilação literária é a fonte mais importante do que se refere às circunstâncias e ao meio em que viveram os poetas dos primeiros séculos, e ao modo como compuzeram suas obras. (Nota dos Trad.).

(43) — O trecho entre parênteses não se acha na edi. de Boulac. (Nota dos Tradutores).

(44) — Os Cinco Tratados. Entre os livros explicados nas escolas primárias do Oriente e do Ocidente, ocupavam lugar importante cinco pequenos tratados de gramática; eram como fontes ou madres dos conhecimentos gramaticais. Eram êles: Maât Amil ou (Cem Agentes), de Jorjani; O Charh ou Comentário da mesma obra; O Misbah ou (Lanterna) de Mutarazzi; Hidayat An-Nahu ou Guia Gramatical; e Kafiyat de Ibn Al-Hajib. Tôdas estas obras foram impressas pelo Capitão Baillie, em Calicut, em 1802-1805.

(45) — Ijaza ou licença, é o certificado de capacidade dado pelo professor ao aluno, autorizando-o a ensinar as matérias explicadas em suas aulas. Cada disciplina tinha sua licença; a Ijaza geral, compreendia tôdas as disciplinas do curso.

Abu'l-Abbas Ahmad Ibn Al-Gammaz Al-Khazraji, Cádi da Comunidade (46) em Túnis.

6.º Estudei o direito na mesma cidade com muitos mestres, que foram: Abu Abd Allah Muhammad Ibn Allah Al--Jaiani (nativo de Jaen), e Abu'l-Cacim Muhammad Ibn Al--Cacir, que me ensinou também o resumo de *Mudawana* (47), composta por Abu Saíd Al-Bardai e intitulada *Tamhid,* assim como (outra) *Mudawana* ou (Digeste) das doutrinas particulares de jurisprudência malikita. Fiz um curso de direito sob sua direção, e freqüentava ao mesmo tempo, as reuniões de nosso cheikh Abu Abd Allah Ibn Abd As-Salam,, Cádi da Comunidade. Meu mano, Muhammad, agora falecido (48), assistia comigo a estas reuniões. Aproveitava muito das luzes de Ibn Abd As-Salam, de quem ouvi a leitura explicada do *Muwatta* do imame Malik. Havia êle aprendido, pela via tradicional, o texto dêste livro, visto ter procurado o ensinamento de um doutor de grande autoridade, Abu Muhammad Ibn Harun, o mesmo que mais tarde, caiu em demência.

Poderia ainda citar os nomes de diversos cheikhs tunisinos com os quais fiz meus estudos e dos quais obtive certificados lisongeiros. Todos faleceram ceifados pela grande epidemia.

No ano 748 (1347), Abu'l-Haçan, soberano de Marrocos, apoderou-se do reino de Ifríkya. Chegou à nossa cidade com

(46) — Cádi da Comunidade, título que se dava ao chefe dos cádis nos reinos africanos e andaluzes, equivalente ao Cádi'l Cudat atual.

(47) — Mudawna, ou Maçail mudawanat, ou digest, contém as decisões de Malik que formam a base do sistema jurídico da Escola de Malik. Seu redator Ibn Al-Cacim morreu no Velho Cairo em 806 de J. C.

(48) — Eram dois irmãos de Ibn Khaldun; Muhammad e Yahia. O primeiro parece ter falecido muito jovem; o segundo, Abu Zakaria, (nascido em Túnis cêrca do ano 734) partilhou da fortuna de seu mano Abu Zaid (nosso autor) e, como êle, compôs uma obra histórica sôbre a cidade de Tlemcen e a dinastia dos Abd Al-Uad... Foi assassinado no ano 780 H. (1378). Deixou uma obra histórica, muito inferior por seu conteúdo e por seus conceitos e espírito crítico à do irmão, mas que lhe é superior do ponto de vista literário. Bughyat Al-Ruad, foi traduzido e publciado por A. Bel. em 2 vol. em Alger (1904-1913). Cf. Abbé Bargès. Complément de l'histoire de Beni Zeiyan, 1887, Paris. (Nota dos Trad.).

grande acompanhamento de homens da lei, que tinha obrigado a seguí-lo, e que faziam o melhor ornamento de sua côrte. Destacavam-se os seguintes:

1.º O grande Mufti e chefe do rito malekita no Magrib; Abu Abd Allah Muhammad Ibn Sulaiman As-Sitti, doutor que freqüentei nas assembléias a que êle presidia e cujos ensinamentos me foram de grande utilidade.

2.º Abu Muhammad Abd Al-Muhaiman, Al-Hadrami, chefe tradicionalista e gramático do Magrib, secretário do sultão Abu'l Haçan, encarregado do parafo imperial abaixo de todos os documentos provenientes do príncipe. Freqüentando-o com assiduidade, aproveitei de suas aulas e recebi dêle a licença de lecionar as seis principais *Coleções* de tradições(49), além do *Muwatta, As-Siar* de Ibn Ishac(50), o tratado de Ibn As-Salah sôbre as tradições, assim como muitas outras obras de cujos títulos não me recordo. Na ciência das tradições, possuia êle conhecimentos que devia às melhores autoridades e fontes, e era evidente que se tinha empenhado muito para os aprender corretamente e guardar seu conteúdo. Possuia uma biblioteca de mais de três mil volumes, compreendendo obras sôbre as tradições, o direito, a gramática, a filologia, as ciências fundadas sôbre a razão, e outros assuntos; o texto de todos êstes livros era de uma grande correção, por causa do empenho que tinha exigido seu cotejo. Não havia um Diwan ou coletânia de poesia que não possuisse uma inscrição do próprio punho de cada um dos cheiques que, a partir do tempo do autor, tivessem ensinado o conteúdo da obra; mesmo os tratados de gramática, de direito, assim como as obras compostas de anedotas e raridades filológicas, traziam inscrições garantindo sua autenticidade.

---

(49) — Os autores destas Coleções eram Al-Bokhari, Moslim, Abu Daud, Termidi, Neçai, Ibn Maja; êste último substituído por alguns escritores pelo nome de Malik. A esta lista, junta-se o nome de Ad-Daracotni e outros autores de "mosnad" ou "Corpus" de tradições, mencionadas no Dict. Bibliographique de H. Khalifa, t. II, p. 550.

(50) — As-Siar, de Ibn Ishac, obra que contém grande número de tradições relativas às expedições de Muhammad, goza de grande autoridade. Ibn Hicham, autor da Vida de Muhammad (Sirat Ar-Rasul) o utilizou grandemente.

3.º Xeque Abu'l-Abbas Ahmad Az-Zuawi, primeiro Mucri ou leitor do Alcorão do Magrib. Li o Alcorão com êle, na grande mesquita, segundo as sete lições tais como foram transmitidas por Abu Amr de Denia e Ibn Churaih (51); todavia, não pude terminar esta leitura. Ouvi, do mesmo, a explicação de muitas obras e recebi uma licença geral.

4.º Abu Abd Allah Muhammad Ibn Ibrahim Al-Abelli (52), grande mestre para as ciências fundadas sôbre a razão. Pertencia a uma família de Tlemcen, cidade onde passou sua mocidade. Tendo estudado os livros de matemática, tornou-se mestre neste ramo de saber. Quando Tlemcen sofreu o grande cêrco (53), deixou esta cidade e fez a peregrinação a Meca. No Oriente encontrou-se com os doutores mais afamados; achou-se, porém, impossibilitado de aproveitar-se de suas luzes por causa de uma indisposição temporária que lhe perturbou o espírito. De volta ao seu país, estudou a lógica, os princípios fundamentais da teologia dogmática e os da jurisprudência canônica com o Xeque Abu Muça Iça Ibn Al-Imam (54). Em Túnis, assistiu conjuntamente com seu irmão Abu Zaid Abd' ur-Rahman, os cursos do célebre Talmid Ibn Zaidun (Discípulo de Ibn Zaidun). De volta para Tlemcen, se achava possuidor de conhecimentos vastíssimos nas ciências fundadas sôbre a razão e nas que têm por base a tradição (55). Reencentou o curso de seus estudos nesta cidade sob a direção de Abu Muça, o mesmo de quem acabamos de falar. Depois de certo tempo, passou para o Magrib, obrigado de fugir de

---

(51) — Ibn Churaih (Muahmmad) Morreu em Sevilha no ano 1083 de J. C.

52) — Al-Abelli: nativo de Abbela ou Abbeliya, localidade do norte da Espanha. Os antepassados dêste doutor tinham habitado nesta localidade até a grande emigração provocada pela tomada de Sevilha.

(53) — No ano de 1334-5, Abu'l Haçan, sultão merinida, pôs cerco a Tlemcen.

(54) — Ver Hit. des Berb. t. III, p. 386 e ss.; t. IV, p. 223.

(55) — Segundo os doutores muçulmanos, o homem tira seus conhecimentos de duas fontes: a razão e a fé. Em conseqüência, as ciências formam duas classes: Akliya ou fundadas sôbre a razão, e Uadiya ou positivas ou impostas. Designam-se estas últimas pelo têrmo Macalya ou fornecidas pela tradição.

Tlemcen, porque Abu Hammu Muça Ibn Yagmoracen, soberano desta cidade, queria constrangê-lo a tomar a direção geral das finanças e o contrôle das rendas dos impostos. Chegado a Marrocos, seguiu com assiduidade os cursos do célebre Abu'l Abbas Ibn Al-Banna e, tornando-se senhor de tôdas as ciências fundadas sôbre a razão, herdou o lugar que êste sábio ocupava na opinião pública, e uma reputação ainda mais vasta. Depois do falecimento dêste professor, foi ter nas montanhas dos Heskura (56), convidado por Ali Ibn Muhammad Ibn Terumit (57) que desejava fazer alguns estudos sob a direção de um mestre tão hábil. As lições de um mestre assim afamado não podiam deixar de ser proveitosas, e alguns anos mais tarde, quando Abu Said, sultão do Magrib, obrigou Ibn Terumit a abandonar as montanhas dos Haskura e a se fixar na Cidade-Nova (Al-Balad Jadid) (58), Al-Abelli o acompanhou. Em circunstâncias ulteriores, êste último foi admitido pelo sultão Abul Haçan no número dos sábios que recebia nas suas reuniões íntimas. Desde então dedicou-se à propaganda, no Magrib, das ciências fundadas sôbre a razão, e seus esforços foram muito bem sucedidos. Grande número de pessoas tiveram-no por professor, de modo que se tornou o laço de união entre os antigos sábios e os de sua época. Quando veio para Túnis em companhia do sultão Abu'l Haçan, decidi-me a freqüentá-lo com assiduidade, para estudar sob sua direção a lógica, os princípios básicos da teologia dogmática e os da jurisprudência, tôdas as ciências filosóficas e as matemáticas. Alcancei tanto sucesso nestas disciplinas que muitas vêzes êle me testemunhou sua alta satisfação.

5.º Outro sábio que o Sultão Abu'l Haçan trouxe em sua companhia para Túnis foi nosso amigo Abu'l Cacim Abd Allah Ibn Yuçuf Ibn Riduan, doutor em jurisprudência malikita. Era um dos secretários do soberano e exercia esta função

---

(56) — Os Haskura habitavam o Atlas, a Leste da cidade de Marrocos.

(57) — Ibn Terumit era chefe de uma grande fração da tribo berbere dos Haskura.

(58) — A Cidade - Nova, construída cerca de um Km. e meio ao Sudoeste de Fêz, era a residência do sultão e a sede da administração.

sob as ordens de Abu Muhammad Abd Al-Muhaiman. Êste último desempenhava as funções de secretário d'Estado e escrivão da *alama,* fórmula inscrita abaixo de tôdas as ordenações, manifestos, e outros documentos que emanavam do sultão e que o próprio soberano inscrevia de seu punho. Ibn Riduan foi um dos ornamentos do Magrib pela variedade de seus conhecimentos, a beleza de sua caligrafia e de de seu físico, a moralidade de sua conduta, a destreza que demonstrava ao redigir os contratos, a elegância de seu estilo nas cartas que escrevia em nome do soberano, a facilidade com que compunha versos e seu talento de pregador. Com efeito, muitas vêzes desempenhava o papel de Imame quando o sultão assistia à oração pública. Entrei em relação com êle quando chegou a Túnis, e tive muito que me louvar por esta nossa intimidade. Não o tomei, todavia, por mestre, pois que éramos da mesma idade; mas, não obstante isso, aproveitei tanto de suas luzes quanto das dos meus preceptores habituais.

Ibn Riduan foi elogiado por nosso amigo, o poeta de Túnis Abul Cacim Ar-Rahui, que enalteceu seus méritos num poema com rima em N, e no qual pede ao secretário que lembre seu nome perante seu chefe de secretariado Abd Al-Muhaiman, para encaminhar um poema de sua lavra, com rima Y, até às mãos do sultão (59).

No começo do ano 749 (Abril, 1348 de J. C.), os Árabes nômades venceram o sultão Abul Haçan perto de Cairuão (60), e pouco tempo depois sobreveiu a grande epidemia da peste negra. Muitos dos doutores que acabo de citar, faleceram vitimados pelo mal; Abd Al-Muhaiman também sucumbiu, assim como meu pai.

Logo após a catástrofe de Cairuão, o povo de Túnis sublevou-se contra os partidários do sultão Abul Haçam e os obrigou a procurarem refúgio na cidadela, onde estavam asilados os filhos e as mulheres dêste príncipe. Ibn Tafraguin repudiou então a autoridade de Abul Haçan e, deixando Cairuão, juntou-se aos Árabes que bloqueavam a praça e que acabavam de

(59) — O autor reproduz trechos dêstes poemas, que deixamos de traduzir, por sua inocuidade e alambicados trocadilhos.

(60) — Hist. des Berb., t. III, p. 34, et. IV. p. 266 ss.

proclamar a soberania de Ibn Abi Dabus (descendente do último califa Almohada de Marrocos). Incumbido por êstes mesmos nômadas de submeter à fôrça a cidadela de Túnis, foi investir contra a praça, que resistiu a todos os ataques. No dia da rebelião, Abd Al-Muhaiman veio refugiar-se em nossa casa, e ficou nela escondido cêrca de três meses. O sultão Abul Haçan, conseguindo sair de Cairuão, dirigiu-se para Souça, onde embarcou para Túnis, donde Ibn Tafraguin tinha fugido para o Oriente. Abd Al-Muhaiman deixou então seu esconderijo e foi reintegrado pelo sultão no pôsto de secretário d'Estado e da *alama* ou parafo (61).

* * *

SOU NOMEADO ESCRIVÃO DA ALAMA PELO GOVÊRNO DE TÚNIS; PASSO DEPOIS PARA O MAGRIB, PARA TORNAR-ME SECRETÁRIO DO SULTÃO ABU INAN

Desde minha mocidade, sempre me mostrei ávido de conhecimentos e me empenhei com grande zêlo a freqüentar as escolas e os cursos das diversas disciplinas. Após a grande epidemia que arrebatou nossos homens mais notáveis, nossos sábios, nossos professôres e que me privou de meu pai e de minha mãe, assistia regularmente ao curso do professor Abu Abd Allah Al-Abelli, e, dpeois de três anos de estudos sob sua direção, achei enfim que eu sabia alguma coisa.

Quando o sultão Abu Inan o chamou para perto de si, Ibn Tafraguin, que então era todo poderoso em Túnis, mandou me convidar para desempenhar o papel de escrivão da *alama* junto de seu soberano Abu Ishac. Êste príncipe acabava de terminar seus preparativos militares com vista a resistir à investida do Emir Abu Zaid, neto do Sultão Abu Tahia Abu Bacr e senhor de Constantina, que era secundado e instigado pela tribo árabe dos Ulad Muhalhal. Ibn Tafraguin fez

---

(61) — Deixamos de inserir, além dos versos de Abd Al-Muhaiman, em que agradecia aos Khaldun a sua hospitalidade, longa lista de personagens da companhia do sultão Abul Haçan, notícias idênticas às precedentes e que suprimimos para evitar delongas.

marchar conrta êle o sultão Abu Ishac e a tribo árabe dos Aulad Abi'l Lail. Terminava de pagar o sôldo da tropa e de organizar os diversos serviços da administração, quando me escolheu para substituir Ibn Omar, escrivão do parafo real, que acabava de destituir por ter exigido aumento de apontamentos. Desde então, escrevi o parafo em nome do sultão, isto é, traçava em grossas letras, sôbre os decretos e cartas imperiais, as palavras: *Louvores a Deus, gratidão a Deus,* que se colocavam entre a *basmala* e o resto do texto.

No começo do ano 753 (março-abril de 1352 de J. C.) deixei Túnis com o exército, mas tinha firmado o propósito de abandonar as fileiras logo que encontrasse uma ocasião favorável, tal era meu desgôsto de me ver separado de meus professôres, e impossibilitado de continuar meus estudos. Desde já, quando a onda invasora dos Merinidas, tomando o caminho do Magrib, país onde tinha seus acantonamentos, reconduzindo com ela os sábios e os xeques que a tinham acompanhado na expedição contra Túnis foi se retirando do solo de Ifríkya, para voltar a seu leito, tinha eu tomado a resolução de ir juntar-me a êstes mestres. Mas meu mano mais velho, Muhammad convenceu-me a renunciar a meu propósito. Aceitei, pois, o cargo de escrivão do parafo, mas com a esperança de um dia realizar meu projeto e passar para o lado do Magrib. O que previa realizou-se. Saindo de Túnis, fomos acampar no país dos Hauwara; encontrámos o inimigo nas planícies de Marmajanna e foi ali que vimos a derrota de todo nosso exército. Refugiei-me em Oba, na casa do Xeque Abd'ul-Rahman Al-Usnafi, principal "marabout" desta localidade. De lá passei para Tebessa, e demorei-me durante alguns dias em casa de Muhammad Ibn Abdun, senhor da localidade. Como as estradas haviam-se tornado mais seguras, parti em companhia de alguns árabes que se tinham oferecido graciosamente para me acompanhar, e chegado a Gafsa, passei nela muitos dias esperando o momento em que a estrada não oferecesse mais perigo.

O Alfaquih Muhammad, filho de Mansur Ibn Muzni e irmão de Yuçuf Ibn Muzni, senhor da província do Zab, veio então me buscar. Achava-se em Túnis quando o Emir Abu Zaid foi sitiá-la, e tinha deixado a cidade para se pôr do lado

dêste príncipe. Então chegou-lhes a notícia de que Abu Inan, sultão do Magrib, acabava de tomar Tlemcen e de matar Abu Thabit e seu irmão Otman Ibn Abd'ur-Rahman, senhor desta capital; souberam mais que se tinha transportado para Medea, e depois, chegando debaixo dos muros de Bujaya, tinha convencido o governador Abu Abd Allah Muhammad, neto do sultão Abu Yahia Abu Bacr, a lhe entregar a cidade e marchar sob suas ordens. Souberam também que Abu Inan tinha dado o comando de Bujaya a Omar Ibn Ali, um dos chefes da tribo dos Uatas e membro da família Al-Uazir.

Sabedor dêstes acontecimentos, teve pressa o Emir Abu Zaid de levantar o sítio da cidade de Túnis e, na sua retirada, atravessou a cidade de Gafsa em companhia de Muhammad Ibn Muzni. Vindo êste último a nos visitar, e como pretendia passar pelo Zab, decidid-me a acompanhá-lo. Chegando em Biskra, hospedei-me na casa de meu mano Yuçuf e ali passei até o fim do inverno. Quanto a Muhammad, obteve uma pensão de seu irmão e foi se estabelecer numa das aldeias desta província.

Quando o sultão Abu Inan confiou a Omar Ibn Ali o govêrno de Bujaya, um cliente do Emir Hassida Abu Abd Allah, chamado Fareh, passou pela cidade para retirar para outro lugar a mulher e os filhos de seu patrão. Por instigação dêste liberto, um Sanhajiano descabeçado, assassinou a Omar durante uma audiência. Fareh tomou em seguida o comando da cidade e mandou Abu Zaid (primo de Abu Abd Allah), governador de Constantina, a socorrê-lo. Enquanto esperavam pela chegada dêste Emir, os notáveis de Bujaya deliberaram entre si, e, para se livrarem da vingança do sultão, pegaram em armas e tiraram a vida a Fareh. Restabelecida a autoridade de Abu Inan, mandaram buscar o governador de Tedellis (Dellis), para se submeterem às suas ordens. Êste oficial era chefe da tribo merinida de Ungacen e se chamava Tahyaten Ibn Omar Ibn Abd Al-Mumin. Recebendo o sultão, da parte dos habitantes, a segurança de sua submissão, mandou para Bujaya o seu mordomo, Muhammad Ibn Abi Amr, com forte destacamento de tropas e um grande número de pessoas de destaque do império.

Parti então de Biskra com a intenção de alcançar o sultão

Abu Inan, que se achava na ocasião em Tlemcen, e, chegando a Batha, encontrei ali Ibn Abi Amr. Êste oficial testemunhou-me tantas provas de honra que fiquei admirado, e me reconduziu em sua companhia para Bujaya, cuja tomada por êle eu presenciei. Tendo chegado à cidade numerosas delegações, vindas de Ifríkya, êle quis acompanhá-las até ao sultão. Juntando-me a elas fiquei surpreso com a deferência e os sinais de favor que o soberano me prodigalizou, a mim, jovem imberbe. Tendo voltado depois para Bujaya, com Ibn Abi Amr e as deputações, quedei perto dêle até o fim do inverno do ano 754 (março-abril 1353).

Quando o sultão voltou para Fêz e os sábios começaram a se reunir na côrte, falou-se a meu respeito durante uma das reuniões, e, como o príncipe queria escolher alguns estudantes para discutirem em sua presença questões versando sôbre Direito e Belas Artes, os doutores que tinham encontrado em Túnis me apontaram descrevendo minhas qualidades. Escreveu-me o Hajib (Ibn Abi Amr) chamando-me para me apresentar na côrte, onde cheguei no ano 755 (1354). Inscreveu-me no rol dos que faziam parte de suas reuniões científicas, e me impôs o honroso dever de assisitir com êle à oração. Mais tarde empregou-me como secretário e me encarregou de escrever suas decisões sôbre os documentos submetidos a seu julgamento.

Aceitei com repugnância esta colocação, visto que nenhum dos seus antepassados ocupou tal cargo. Continuava, entretanto, a me dedicar aos estudos e tomei lições com muitos Xeques magrebinos, assim como de Xeques andaluzes que vinham a Fêz em missões diplomáticas. Desta maneira, alcancei um grau de instrução que correspondia a meus anelos.

Entre os sábios que formavam a sociedade íntima de Abu Inan, devo mencionar:

1.º Ibn As Saffar Abu Abd Allah Muhammad, nativo da cidade de Marrocos e primeiro doutor na ciência das leituras corânicas; até a sua morte, continuou a ler o Corão para o sultão, segundo as sete lições.

2.º Al-Macarri Abu Abd Allah Muhammad, nativo de

Tlemcen, jurisconsulto e professor hábil; desepenhava as funções de grão-cádi de Fêz.

3.º O Charif Al-Haçani Abu Abd Allah Muhammad, alcunhado Al-Alui, nativo de Aluin, homem muito versado nas ciências filosóficas e tradicionais como o era na teologia dogmática e na jurisprudência.

4.º Al-Burji, Abul Cacim Muhammad Ibn Yahia, nativo de Borja, Espanha; servia o sultão Inan como secretário d'Estado e redator chefe da chancelaria, mais tarde veio a perder êstes lugares e foi nomeado Cádi militar.

5.º Ibn Abd Ar-Razzac Abu Abd Allah Muhammad, Xeque de grande saber.

INCORRO NA DESGRAÇA DO SULTÃO ABU INAN

No fim do ano 756 (1355-6) me tomou o sultão a seu serviço dando-me emprêgo no seu secretariado. Distinguiu-me com um favor especial, permitindo que tomasse parte nas discussões literárias havidas em sua presença; me escolheu para transcrever (Tauki'), sôbre cada peça e documento submetido a seu exame, a resposta que julgava conveniente. Esta distinção suscitou muita inveja, e as delações se multiplicaram tanto, que o príncipe tomou-se por mim de uma verdadeira aversão que é difícil aquilatar. No fim do ano 757 caiu doente, e, pouco depois, mandou-me prender. Havia já certo tempo que uma ligação tinha-se formado entre mim e o príncipe hafsida Abu Abd Allah Muhammad, ex-emir de Bujaya, que, lembrando o devitamento de meus antepassados a sua família, me tinha admitido na sua sociedade íntima (62). Como descuidei-me das precauções que se devem tomar em casos como êste, atraí sôbre mim a ira do sultão. Muitos indivíduos, invejosos de minha alta fortuna, tinham dirigido ao sultão relatórios em que pretendiam que o príncipe hafsida pretendia fugir para Bujaya e que me tinha comprometido a facilitar-lhe a evasão, na certeza de me tornar seu primeiro ministro. O sultão mandou-me prender, maltratar e meter

(62) — Abu Inan tinha trazido o príncipe Hafsida para Fêz.

a ferros. O ex-emir, prêso como eu eu, logo foi relaxado. Mas a minha detenção se prolongou até à morte do sultão, acontecimento que se concretizou dois anos mais tarde.

Antes de falecer, tinha-lhe dirigido uma súplica em forma de poema, contendo cêrca de duzentos versos. Recebeu-o em Tlemcen e ficou tão emocionado que prometeu a minha liberdade tão logo entrasse em Fêz. Cinco dias depois de sua chegada caiu tão gravemente doente que faleceu quinze dias mais tarde (63). Êste acontecimento data de 24 do mês de Dul-Hijja 759 (28 de novembro de 1358). Al-Haçan Abu Omar, vizir e regente do império, apressou-se em me dar a liberdade e me reintegrar no meu cargo. Quis voltar para minha cidade natal, mas não pude obter seu consentimento; tive que me resignar a gozar os favores que me dispensava.

O SULTÃO ABU SALEM ME NOMEIA SEU SECRETÁRIO DE ESTADO E CHEFE DE CHANCELARIA

Abu Salem (64), tendo passado da Espanha para a África com o intuito de tomar posse do trono, estabelceu-se na Safiha, montanha do país dos Gomara. Durante êste tempo, o pregador Ibn Marzuk agia sobrepticamente em Fêz angariando-lhe partidários, e, conhecendo os liames, de amizade que me prendiam aos principais chefes merinidas, recorreu a meus préstimos na esperança de ganhar êstes oficiais. E com efeito, acabei por persuadir a maior parte dêles a prometer seu apoio ao príncipe. Era eu então secretário de Mansur Ibn Sulaiman, que os chefes Merinidas acabavam de pôr à testa do Império (65), e que se ocupava com êles de

(63) — Morreu assassinado.

(64) — Abu Salem, filho do sultão Abul Haçan, foi deportado para Espanha por ordem de seu irmão, Abu Inan. Morto êste, entrou Abu Salem na África com o intuito de arrebatar o trono a seu sobrinho Said, proclamado soberano por Ibn Omar.

(65) — Mansur Ibn Sulaiman, bisneto de Abd-Al-Uahid, filho de Yacub Ibn Abd Al-Hak, 5.º soberano da dinastia merinida, acabava de ser proclamado sultão pelo vizir Ibn Rahu, que comandava em Tlemcen.

sitiar a Cidade Nova de Fêz, na qual se tinha encerrado o vizir Al-Haçan Ibn Omar, com seu sultão As-Said, filho de Abu Inan. Ibn Marzuk veio então me remeter um bilhete pelo qual o sultão Abu Salem solicitava que o segundasse, me prometendo as recompensas mais tentadoras e uma grande quantia em dinheiro. Procurei os chefes merinidas e os grandes oficiais do império, com o fim de decidí-los em favor de Abu Salem. Tão logo obteve sua adesão, Ibn Marzuk intimou a Al-Haçan Ibn Omar de reconhecer a autoridade de sultão Abu Salem, e êste vizir, cansado da prolongação do sítio, apressou-se em obedecer. Então, os outros chefes merinidas tomaram a resolução de abandonar Mansur Ibn Sulaiman e de ocupar a Cidade-Nova. Bem sucedido neste projeto, dirigi-me ao sultão Abu Salem com uma deputação composta de muitos grandes oficiais do Império. Entre êstes se achava Muhammad Ibn Othman Ibn Al-Kas, o mesmo que, mais tarde, exerceu uma autoridade ilimitada no Magrib. A pressa em nos acompanhar foi a origem de sua fortuna. Nessa ocasião, devido a meu empenho, obteve êle seu primeiro comando. Chegando a Safiha, comuniquei ao sultão o relatório dos acontecimentos que acabavam de ocorrer no Estado, e o informei que os Merinidas tinham deposto Ibn Mansur, como haviam prometido. Ao mesmo tempo, decidi-o a se pôr em marcha para a capital. Viemos a saber, quando em caminho, que Mansur tinha fugido rumo a Badis (Velez de Gomera), que os Merinidas tinham tomado posse da Cidade Nova, e que Ibn Omar acabava de proclamar a soberania de Abu Salem. Chegados a Kasr-el-Kbir, encontramos as tribos e as tropas que tinham reconhecido a autoridade do sultão; eram dispostas em filas sob as respectivas bandeiras, e com elas se achava Massud Ibn Rahu, ex-vizir de Mansur Ibn Sulaiman. O príncipe acolheu Massud com tôda a consideração devida a um homem de sua categoria, e o nomeou seu vice-ministro. Tinha escolhido como primeiro ministro a Al-Haçan Ibn Yuçuf Al-Urtajni, personagem que Mansur tinha mandado da capital para a Andaluzia, e que o sultão encontrou em Ceuta. Abu Salem, reunindo suas tropas, partiu de Al-Kasr e marchou sôbre Fêz. Ibn Omar saiu da cidade para recebê-lo e pôr-se às suas ordens. Era no meio do mês de

Chaban de 760 (julho 1359), quando o sultão efetuou sua entrada na capital (Fêz). Havia sòmente quinze dias que tinha aderido a sua causa, e agora me achava fazendo parte de seu cortêjo. Ficou-me grato pelo empenho com que abracei seu partido, e me tomou como seu secretário particular, encarregando-me de redigir e de escrever sua correspondência. Eu redigia a maior parte destas peças, empregando um estilo simples e fácil, sem nenhuma ajuda da parte dos que, na arte de escrever, empregam o rítmo que caracteriza a prosa rimada. Prendia-se isso ao fato de que êste gênero de composição era de qualidade inferior entre os Magrebinos, e consistia em expressões cujo sentido, a maior parte das pessoas não compreendia. O que era diferente com relação ao estilo comum: (era-lhes mais compreensível); mas, a gente do ofício, estranhava êste estilo, que era eu o único a empregar.

Mas logo me empolguei pela poesia, e compuz um grande número de peças em verso, dos quais posso dizer que iam da mediocridade até a excelência (66).

---

(66) — Ibn Khaldun reproduz cinco peças de versos declamados perante o sultão. De forma literária elegante, revelam um Ibn Khaldun bem nutrido da poesia clássica. Damos a seguir a tradução do primeiro trecho, sem garantir a completa exatidão da mesma, visto o texto estar longe de ser correto:

Levaram elas ao extremo o desejo de me evitarem e de me afligirem; se deleitaram em prolongar minhas lágrimas e gemidos. — Negaram-se, no dia da separação, a parar um instante, para dizer adeus a um coração preso de paixão e de temores. — Desapareceram no ocidente a minha vista, e minhas lágrimas candentes sòmente serviram para me afogar. — Ó tu! que tentas diminuir por tuas repreensões a dor lancinante que a saudade deixou, basta de crueldade em tuas reprimendas! Os amantes se deliciam nas censuras, mas para mim a censura é bebida que não posso engolir. — Não me entusiasma alegria nenhuma, e as penas do amor me são intoleráveis, enquanto não me lembrar da casa onde reside a bem amada. — Sento-me enlevado ao ver os vestígios da tenda, que era o oriente onde brilhava a lua de minha beldade, e o terreiro onde passeava a minha gazela. — As mãos da destruição se abateram sôbre esta morada; e quantas vicissitudes revolveram as suas ruínas. — Em vão o tempo procura apagar seus vestígios; ressuscitarão nos meus versos e na beleza de minha descrição. Quando a morada (da bem amada) se apresenta à vista do apaixonado, é a lembrança de sua beleza que inspira versos apaixonados. — etc., etc. . . .

Ibn Marzuk, adimitido na familiaridade do sultão, chegou a cativar-lhe o espírito. Desde então deixei de me salientar e me ocupei ùnicamente de cumprir com minhas obrigações de secretário privado, redator e escrivão da correspondência e das ordenações do soberano. Para o fim de seu reinado, Abu Salem me encarregou do ofício de *Madhalim* (reparar as injustiças) (67), me proporcionando assim a ocasião de atender as justas reclamações de muita gente; espero que Deus o levará em conta! Durante êste tempo, fui vítima das calúnias de Ibn Marzuk, que, levado pela inveja e pelo ciúme, procurava me prejudicar junto do príncipe, não sòmente a mim, mas também a tôdas as pessoas que desfrutavam de altos postos no Estado. Foi esta a causa da derrocada do soberano. O vizir Amar Ibn Abd Allah, apoderando-se da capital, reagrupou em redor de si todos os Merinidas e condenou Salem ao destêrro. Esta revolução custou a vida ao sultão, como foi contado por nós na História da dinastia meridina (68).

O vizir Omar, tomando a chefia dos negócios do Estado, confirmou-me nas minhas funções e me concedeu um aumento de "ictâ" e de emolumentos. Mas o ímpeto da mocidade me levou a olhar para mais alto e a contar de mais com a amizade de Omar. Nossa intimidade datava do reinado de Abu Inan, época em que me tinha ligado com o ex-emir de Bujaya, o príncipe Abu Abd Allah Muhammad. Omar então entrava como terceiro em nossa amizade, e a sua conversa constituia o encanto de nossas reuniões. Abu Inan, como já o afirmei, concebeu tão grande desconfiança, que me mandou prender e ao príncipe Muhammad, ao passo que fechava os olhos quanto ao comportamento de Omar, cujo pai era então governador de Bujaya. Agora que Omar era todo poderoso, presumi de mais da minha influência sôbre êle. Depois, achando que mostrava pouco desvêlo e vontade em me conceder o lugar que eu ambicionava, deixei de o visitar, e tal era meu descon-

---

(67) — Ver p. supra, p. 405, o capítulo que trata dos "**Madhalim**".

(68) — Omar colocou no trono um filho de Abul Haçan, de nome Tachefin. Contava poder governar o império em nome dêste príncipe, cujo espírito era normal. (Hist. des Berb. t. IV, p. 350).

tentamento que não me apresentei mais no palácio. Desde então, mudando completamente de sentimento a meu respeito, demonstrou tanta frieza para comigo, que solicitei licença de voltar para minha cidade natal. O favor me foi negado: a dinastia dos Abd Al-Uaditas acabava de reassumir o poder em Tlemcen e de estender sua autoridade sôbre todo o Magrib Central; temia-se que eu tivesse a cair no agrado do sultão Abu Hammu se me encontrasse como êle; por causa disso, receava o vizir aceder a minha solicitação. Entretanto, persisti no meu intento, e no primeiro do mês de Chaual de 763 (24 de maio 1362 de J. C.), obtive, graças aos bons ofícios de Massud Ibn Maçai, genro e lugar-tenente de Omar, a permissão de recitar, a êste último, um poema em que exprimia o desejo de deixar o país (69).

A tentativa foi coroada de êxito; obtive autorização de partir, com a condição de não passar por Tlemcen, podendo me dirigir para qualquer outro lugar. Decidi-me a embarcar para a Espanha, e no comêço de 764 (fim de outubro 1362) mandei minha mulher e meus filhos para casa dos tios maternos, os filhos do Cádi Muhammad Ibn Al-Hakim (70), em Constantina. Em seguida, puz-me a caminho de Ceuta. (O motivo da minha escolha da Espanha) é o seguinte: Abu Abd Allah (Muhammad V, rei de Granada), tendo sido destronado (por um de seus parentes, o Rais Muhammad), procurou a cidade de Fêz, tornando-se hóspede do sultão Abu Salem. A posição que ocupava na administração me permitiu prestar-lhe muitos serviços, secundando os intentos de seu vizir Ibn Al-Khatib. O rei (de Castela, Pedro o Cruel), tendo-se desentendido com o Rais, convidou (Muhammad V) a regressar à Espanha, para reconquistar seu trono. Muhammad partiu, deixando em Fêz os filhos e o séquito real. Mas foi mal sucedido na sua tentativa; e, descontente com o rei de Castela, por lhe ter negado a devolução de certas fortalezas tomadas aos muçulmanos, deixou a côrte cristã, passou para terras mouras, e se estabeleceu em Eciza. Daí, mandou uma

(69) — O Autor reproduziu aqui o poema citado, que deixamos de traduzir.

(70) — General chefe do exército hafsida.

carta a Omar Ibn Abd Allah, pedindo que lhe cedesse uma das cidades que os Merinidas possuiam na Andaluzia e que lhes serviam de ponto de apoio tôdas as vêzes que empreendiam a gurera santa. Dirigiu-me também uma carta, e, graças a meu empenho, obteve a posse da cidade e as dependências de Ronda. Esta fortaleza serviu-lhe de patamar para galgar o trono da Andaluzia Central. Voltou para sua capital, Granada, nos meados do ano 763 (abril 1362). Foi em seguimento a êstes acontecimentos que a desinteligência se introduziu entre mim e Omar. Também me decidi a visitar o soberano espanhol, na esperança de que não tivesse esquecido os serviços que eu lhe havia prestado.

DE MINHA VIAGEM À HESPANHA

Chegando a Ceuta no começo de 764 (outubro 1362), recebi a acolhida mais fervorosa do cherif Abu'l-Abbas Ahmad Al-Huçaini, personagem principal da cidade e aliado por matrimônio com a família dos Azif. Recebeu-me como hóspede em sua casa, situada em frente da mesquita, e dispensou-me tratos que um soberano não poderia me dispensar. Na tarde de minha partida, deu-me mais testemunho de seu respeito, ajudando, com as próprias mãos, a lançar na água o barco que devia me levar à outra margem (71).

Desembarcamos em Gibraltar (Jabal Al-Fath), que pertencia na ocasião ao soberano dos Merinidas; escrevi a Ibn Al-Ahmar (72), sultão de Granada, e a seu vizir Ibn Al-Khatib, informando-os do que me tinha acontecido, e parti em seguida para Granada. Chegando a uma distância de "um correio" (ou 8 parasangas) desta capital, parei para passar ali a noite, e foi então que recebi a carta de Ibn Al-Khatib, em resposta à minha. Felicitava-se do prazer de me ver e dizia tôda sua

(71) — Suprimimos aqui pormenores dados pelo autor sôbre êste (cherif).

(72) — Muhammad V. Todos os soberanos da dinastia nassirida levavam o nome de (Filhos do Ruivo).

satisfação da maneira mais cordial (73). No dia seguinte, dia 8 de Rabi I 764 (27 de setembro 1362), aproximei-me da cidade, e o sultão, que se tinha apressado em aprontar e cobrir de tapetes um de seus aposentos para me receber, mandou ao meu encontro uma cavalgada de honra, composta dos principais oficiais de sua côrte. Chegado à sua presença, , acolheu--me de uma maneira que demonstrava quanto reconhecia meus serviços, e me revestiu de trajes de honra. Retirei-me, em seguida, em companhia de Ibn Al-Khatib, que me levou ao alojamento que me tinham reservado. Desde êste momento, o sultão me colocou no primeiro lugar entre as pessoas de sua sociedade, e me tornou seu confidente, o companheiro de seus passeios e de seus divertimentos.

No ano seguinte mandou-me em missão diplomática à côrte de Pedro, filho de Afonso, e rei de Castela. Era encarregado da ratificação do tratado de paz concluido entre êste príncipe e os Emires da Espanha muçulmana; em vista disso, devia-lhe oferecer um presente consistindo em sêdas magníficas e cavalos de raça, cujas selas e freios eram ricamente trabalhados em ouro. Chegando a Sevilha, onde pude contemplar inúmeros vestígios deixados pelos meus poderosos antepassados, fui apresentado ao rei cristão (73-A) que me recebeu com as maiores honras. Tinha já sido instruido por seu médico, o judeu Ibrahim Ibn Zarzar, sôbre a posição ocupada por meus maiores em Sevilha, e o mesmo tinha feito referência elogiosa a meu respeito. Ibn Zarzar, médico e astrônomo de primeira ordem, tinha se encontrado comigo na côrte de Abu Inan, que, tendo necessidade de seus préstimos, o havia mandado buscar ao palácio granadino. Depois da morte de Riduan, primeiro ministro na côrte de Granada, retirou-se para junto do rei cristão, que o inscreveu no rol de seus médicos familiares. O rei Pedro quis então me guardar perto de si; ofereceu-me devolver a herança dos meus avós em Sevilha, que ao tempo se achava nas mãos de alguns altos dignatários de seu Império. Desculpei-me de não poder aceitar a proposta, ao mesmo tempo que lhe agradeci calorosa-

---

(73) — Traz aqui o autor o têxto da carta: pomposo e metafórico, como sempre, o estilo dêste ministro.

(73-A) — Trata-se de Pedro o Cruel.

mente tão generoso oferecimento, e continuei merecendo suas boas graças. Quando de minha despedida, deu-me cavalo e provisões, e confiou-me uma excelente mula, equipada com sela e freio guarnecido de ouro, que devia entregar ao sultão de Granada.

Nesta ocasião, Ibn Al-Ahmar concedeu-me, por cartas patentes, em testemunho de sua alta satisfação, a aldeia de Al-Bira (Elvira) (74), situada nas terras de irrigação do Mar (Terras marecajosas) de Granada. Cinco dias depois de minha volta, celebrava-se a festa natalícia do Profeta; à noite houve regozijo público por ordem do soberano, e um grande banquete, durante o qual os poetas recitaram seus versos na presença do rei, da mesma maneira como se celebravam estas solenidades na côrte do Magrib. Tive ocasião de declamar um poema de minha lavra. No ano 765, celebrava-se a circuncisão de seu filho por um banquete para o qual muita gente foi convidada de tôdas as partes da Espanha. Tive oportunidade de ler, durante esta reunião, uma peça em verso condizente com a circunstância.

Tranqüilamente estabelecido neste país, depois de ter deixado a África, e desfrutando de tôda a confiança do sultão, volvi meus pensamentos para a terra longínqua onde os acontecimentos tinham lançado minha mulher e meus filhos, e a meu rôgo, o sultão encarregou um dos seus homens de ir buscá-los em Constantina. A família partiu para Tlemcen, donde foi embarcar num navio que o sultão expediu de Almeria, comandado pelo chefe de sua frota. No dia de sua chegada neste porto, fui esperá-lo, com autorização do príncipe, e conduzi mulher e filhos para a capital, onde tinha arranjado uma casa para os receber. A habitação dispunha de um jardim que lhe era anexo, terra arável e tudo o que era necessário para nossa subsistência (75).

Inimigos ocultos e caluniadores vis trabalharam, depois, com o fim de despertar as suspeitas do vizir, chamando sua atenção para a minha intimidade com o sultão, e para a

(74) — Cf, Dozy: Recherches sur l'histoire d'Esp. 2 ed. t. I, p. 328.

(75) — Aqui suprimo uma carta laudatória que o autor dirigiu ao vizir Ibn Al-Khatib.

extrema benevolência que o príncipe me testemunhava. Embora desfrutando de uma influência considerável e revestido da maior autoridade na administração do Estado, o vizir não soube afastar de seu coração um sentimento de inveja que pude perceber a um leve sinal de constrangimento que deixava transparecer quando me via. Foi nestas circunstâncias que me chegaram às mãos umas cartas do sultão Abu Abd Allah Muhammad, senhor de Bujaya, pelas quais me informava de que tinha obtido posse da aludida cidade no mês de Ramadan 765 (junho de 1364) e dizia que gostava de me ver perto dêle. Imediatamente pedi licença ao sultão Ibn Al-Ahmar para me juntar a êste príncipe; mas, em consideração da amizade que êle tinha com Ibn Al-Khatib, escondi-lhe o procedimento dêste vizir. Acedeu o sultão a meu desejo, com profundo prazer, e, ao fazer-lhe minha despedida, me deu tudo o necessário para minha viajem. Entregou-me também uma carta de despedida (ou passaporte), redigido por Ibn Al-Khatib (76).

DE MINHA VIAGEM DA ESPANHA PARA BUJAYA, ONDE FUI ENCARREGADO DO OFÍCIO DE HAJIB COM PODERES ABSOLUTOS

(Ibn Khaldun se alonga aqui sôbre diversos acontecimentos que se passaram em Bujaya e Constantina, cujos príncipes foram deportados pelo sultão Abu Inan respectivamente em 1352 e 1357. O sultão Abu Salem, ao desembarcar em África, com a intenção de se apoderar do trono do Magrib, deu a liberdade a ambos, e os mandou para a Ifríkya. Depois de contar detalhadamente tais ocorrências, Ibn Khaldun con-

(76) — O documento é longo demais para ser reproduzido aqui; além de longo, é redigido em prosa rimada, num estilo muito precioso. O sultão faz o elogio de Ibn Khaldun, e ordena a todos os chefes, xeques de tribos e outros servidores do Estado, que lhe prestem ajuda e assistência e lhe forneçam alojamento e tudo o que necessite durante sua viagem. O documento traz a data de 19 de Jumada I de 766 (13 de Fevereiro 1365 de J. C.). Depois da data, o sultão escreveu do próprio punho: isto é, autêntico.

tinua). Foi principalmente devido às minhas instâncias junto dos íntimos do sultão Abu Salem, e da gente da pluma admitida na côrte, que êstes emires hafsidas tiveram autorização de voltarem para seu país. Abu Abd Allah entregou-me no momento de minha partida um documento escrito pelo próprio punho, no qual se comprometia a me dar o cargo de *hajib,* tão cedo Bujaya voltasse a suas mãos. Em nossos países mauritanos, a *hijaba* ou cargo de hajib (ou camareiro-mor), consiste em dirigir sòzinho e sem contrôle, a administração do Estado, e servir de intermediário entre o soberano e seus grandes oficiais. Eu fiz acompanhar o emir Abu Abd Allah por meu irmão mais moço, de nome Yahia, que encarreguei de desempenhar, por enquanto, os deveres dêste cargo.

Depois dêstes acontecimentos, seguiram-se minha viagem à Andaluzia, minha estada naquêle país, e o entibiamento de Ibn Al-Khatib para comigo. Soube então que Abu Abd Allah havia tirado Bujaya a seu tio, o sultão Abu Ishac, no mês de Ramadan 765 (junho 1364) e recebi dêste príncipe a carta em que me dizia fôsse depressa juntar-me a êle. Tomei imediatamente a resolução de partir; mas o sultão Ibn Al-Ahmar, ignorando a desinteligência que havia entre mim e seu vizir, opôs-se a meu intento. Insisti com tanta persistência que acabou por dar seu consentimento e me cumulou de provas de sua benevolência. Nos meados do ano 766 (fevereiro-março 1365) embarquei no porto de Almeria, e, depois de quatro dias de navegação, cheguei a Bujaya, onde o sultão Abu Abd Allah tinha feito grandes preparativos para me receber. Todos os funcionários do Estado vieram ao meu encontro; todos os habitantes da cidade acudiram de todos os lados para me tocar e beijar a mão; foi verdadeiramente uma festa. Quando entrei no palácio expandiu-se êle em alabanças e votos por minha felicidade, e me revestiu de trajes de honra. No dia seguinte, uma deputação, composta dos principais oficiais do império, apresentou-se de manhã cedo, à minha porta, para me cumprimentar da parte do sultão. As rédeas do govêrno me foram desde então entregues e apliquei-me com zêlo a organizar a administração e a conduzir bem os negócios do Estado. O sultão, tendo-me designado para as funções de pregador na grande mesquita da cidade, ia todos os dias de

manhã, à mesquita, depois de despachar os negócios administrativos, e passava o resto do dia a lecionar jurisprudência.

Sobreveiu então uma guerra entre meu senhor, o sultão, e seu primo, o emir Abu'l-Abbas, senhor de Constantina, guerra motivada pelos conflitos que a incerteza da linha fronteiriça suscitava, entre os dois Estados. Os Zauawida, Árabes nômadas que habitavam esta parte do país, entretinham o fogo da discórdia, e todos os anos as tropas dos dois sultões vinham a vias de fato. No ano 766 (1364-65), os dois exércitos, comandados pelos respectivos soberanos, tiveram um encontro em Farjiua (77), e o sultão Abu Abd Allah, tendo sido derrotado, voltou para Bujaya, depois de ter gasto com os Árabes, em subsídios, o dinheiro que eu tinha juntado para seu serviço. Como êste dinheiro veio a fazer-lhe falta, me incumbiu de partir contra as tribos berberes, as quais, entricheiradas nas montanhas, se negavam desde alguns anos a entrar com o dinheiro dos impostos. Depois de invadir e devastar o seu país, as obriguei a entregar-me reféns em garantia do pagamento integral das contribuições. Êste dinheiro foi-nos de muita utilidade. No ano de 767 (1365) o sultão Abu'l-Abbas invadiu o território de Bujaya, depois de ter empreendido uma correspondência com os seus habitantes. Como a severidade de Abu Abd Allah tinha indisposto os espíritos, responderam ao sultão declarando-se prontos a reconhecer-lhe a autoridade. O soberano, que acabava de sair da cidade para repelir o adversário, e que tinha estabelecido seu campo sôbre o monte Lebzu (78) dexiou-se tomar de surpreza e perdeu a vida. Enquanto Abu'l-Abbas marchava contra a cidade, na esperança de que os habitantes cumprissem suas promessas, parte dêles veio me procurar na cidadela, e me convidou a proclamar um dos filhos de Abu Abd Allah. Não querendo me prestar a tal proposta, deixei a cidade e fui encontrar-me com o sultão Abu'l-Abbas, que me fez excelentes acolhida. Entreguei-lhe a cidade de Bujaya, e os negócios retomaram seu curso normal.

---

(77) — Fargiua, a Nordeste de Sétif, e a Oeste de Constantina.

(78) — Provàvelmente a montanha que domina o desfiladeiro de Akbou ou de Tiklat, no val de Bujaya (Bougie).

Não tardei a perceber que se trabalhava para me desacreditar perto do sultão, representando-me como um homem muito perigoso: decidi-me a pedir licença. Como o soberano se tinha comprometido a me deixar partir quando eu quisesse, deu seu consentimento, depois de certa hesitação; fui procurar Yacub Ibn Ali, chefe dos Árabes Zauawida, que se achava então no Magrib. Mais que depressa mudou o sultão de sentimento para comigo; mandou prender meu irmão em Bona e esquadrinhar nossas casas na vã eseperança de nelas encontrar tesouros. Deixei então as tribos árabes e dirigí-me para o lado de Biskra, onde contava ser bem recebido por meu antigo amigo Ahmad Yuçuf Ibn Muzni, cujo pai tinha conhecido. Não fui decepcionado na minha esperança; o Xeque que me recebeu com prazer e me prestou sua ajuda tanto em dinheiro como por sua influência.

PASSO PARA O SERVIÇO DO SULTÃO ABU HAMMU, SENHOR DE TLEMCEN

O sultão Abu Hammu, tendo resolvido marchar contra Bujaya (79), escreveu-me dizendo que fôsse juntar-me a êle, porque tinha sabido da minha saída da cidade, da arrestação de meu mano e do confisco de meus bens. Vendo que os negócios ficavam cada vez mais confusos e embrulhados, declinei do convite, e, dirigindo-lhe minhas desculpas, fui passar mais algum tempo nos acampamentos das tribos chefiadas por Yacub Ibn Ali. Tempos depois dirigí-me para Biskra, onde me hospedei em casa de Ahmad Ibn Yuçuf Ibn Muzni, emir desta cidade.

O sultão Abu Hammu, de volta para Tlemcen, procurou ganhar para a sua causa os Árabes da tribo de Riaha, dos quais os Zauawia fazem parte, afim de poder invadir o terri-

(79) — Quando a notícia da tomada de Bujaya e da morte de Abu Abd Allah chegou aos ouvidos de seu genro, Abu Hammu, sultão de Tlemcen, êste príncipe ficou muito irritado, marchou imediatamente contra Bujaya e forçou Abu'l-Abbas a cerrar-se dentro da cidade conquistada. Após muitas traições desistiu da emprêsa e voltou para Tlemcen.

tório de Bujaya com seu concurso e o apoio de suas próprias tropas. Conhecendo minhas relações recentes com êstes Nômadas, e julgando-me merecedor de sua confiança, me pediu o sultão que fôsse reuní-los debaixo de minhas ordens, e que os conduzisse para ajudá-lo. Numa carta, cujo texto reproduzo mais adiante, e que trazia anexo um bilhete escrito pelo próprio punho, me informava de que me havia escolhido para as funções de *hajib* e de secretário de parafo. Eis o texto do bilhete:

"Louvado seja Allah pelos favores d'Êle recebidos e agradecido pelos dons outorgados! — Fazemos saber ao honrado legista Abu Zaid Abd'ul-Rahman Ibn Khaldun, — que Deus o tenha na sua guarda! — que está convidado a vir ao pé de nossa pessoa para ocupar a alta posição e a dignidade elevada para a qual o temos escolhido; isto é: segurar a pena de nosso califado e entrar no rol de nossos amigos". Era assinado assim: "O servidor de Deus, em que deposita a sua confiança. Muça, filho de Yuçuf. Que a graça de Deus seja consigo"

A cópia da carta é esta:

"Que Deus vos enalteça, Doutor Legista Abu Zaid, e que vos tenha debaixo de sua santa guarda! Seguros do amor que tendes por nossa pessoa, do devotamento que vós nos demonstrastes e de vossos bons serviços prestados em tempos idos e hodiernos, conhecendo também as belas qualidades de vossa alma, o saber que vos coloca acima de tôda rivalidade, assim como sabedores de vossos profundos conhecimentos nas Ciências e nas Belas Artes, e considerando que o pôsto de Hajib ao pé de nossa Porta sublime — que Allah exalte! — é o mais alto cargo a que um homem como vós possa aspirar, já que aproxima de nossa pessoa quem dêle está investido, e faculta-lhe conhecer todos os nossos segredos mais reservados, nós escolhemos de bom grado para desempenhá-lo a vossa pessoa, e vos nomeamos livremente e depois de madura reflexão. Fazei, pois, o possível por chegar quanto antes a nossa Porta sublime — que Deus exalte! — para que possais desfrutar de tão alta posição e gozar do prestígio que vos espera como Hajib, como depositário de nossos segredos e como detentor do direito honroso de escrever nosso parafo real. Nós vos prometemos o inteiro gôzo de tôdas estas regalias,

assim como riquezas, honrarias e a nossa consideração especial. Deveis ficar na certeza de que ninguém mais será partícipe destas vantagens com vossa pessoa, e que não tereis a temer a concorrência de qualquer rival. Que Deus Altíssimo, vos proteja, vos favoreça e vos faça gozar, durante muito tempo, destas honras e regalias. Que sôbre vós seja a saudação, assim como também a misericórdia de Deus e suas bênçãos".

Estas cartas imperiais foram remetidas a um vizir para me serem entregues. Vinha êle com a incumbência de ver os Xeques dos Nômadas Zauawida e ganhar sua confiança. Secundei-o com tôda minha fôrça, e o sucesso foi tal, que consentiram em apoiar o sultão e se pôr às suas ordens. Desde então, os principais personagens destas tribos deixaram o partido de Abu'l-Abbas para entrarem ao serviço de Abu Hammu.

Meu irmão, Yahia, que tinha conseguido evadir-se de Bona, veio a Biskra para a minha companhia, e não tardei em mandá-lo junto de Abu Hammu na qualidade de meu substituto, não querendo eu mesmo afrontar os perigos dêste ofício. Aliás, já me tinha desembaraçado das seduções do poder, e, como havia muito tempo que me tinha descuidado da cultura das ciências, desejava abster-me da política para dedicar-me ao estudo e ao ensino.

Enquanto o sultão Abu Hammu fazia seus preparativos para a expedição contra Bujaya, e procurava, por meu intermédio, a adesão das tribos árabes de Riah, concluiu uma aliança com o sultão de Túnis, Abu Ishac, filho de Abu Bacr, o Hafsida. Êste príncipe era tanto mais propenso a escutar as propostas do soberano de Tlemcen quanto destestava Abu'l-Abbas, senhor de Bujaya e de Constantina. Nada era mais natural: Abu'l-Abbas, não sòmente era seu sobrinho como também seu rival, e tinha se apoderado de parte do reino. A cada momento os mensageiros de Abu Hammu atravessavam Biskra quando eu ali estava, e a correspondência que entretinham os dois soberanos muito contribuiu para a sua união.

Tendo totalmente falhado a expedição contra Bujaya, Abu Zayan, primo e rival de Abu Hammu, fêz uma incursão em território de Tlemcen, mas, não podendo nada efetuar,

refugiou-se perto da tribo Huçain. Havendo esta tribo tomado Abu Zayan sob sua proteção, a guerra civil ameaçou abrasar todo o Magrib Central. Nos meados do ano 769, conseguindo Abu Hammu reunir sob suas bandeiras grande número de guerreiros dos Riaha, marchou para atacar os Hoçain e Abu Zayan, entricheirados nas montanhas de Titeri (Kaf el-Akhdar). Mandou-me a ordem de juntar os Árabes Zauawida, para impedir o inimigo de fazer sua retirada do lado do deserto. Escreveu também a Yacub Ibn Ali, chefe dos Bani Muhammad, e a Othman Ibn Yuçuf, chefe dos Aulad Sba', assim como a Ibn Muzni, emir de Biskra, convidando-os a sustentar os Zauawida.

Tomamos posição em Al-Guatfa, ao sul de Titeri, e o sultão bloqueou os Huçain do lado do Tell. O seu plano era, terminada esta expedição, reunir os dois corpos do exército e marchar sôbre Bujaya. Abu'l-Abbas, soberano desta cidade, sabendo do intento de Abu Hammu, confederou em redor de si as outras tribos Riahidas, até então afastadas da luta, e foi acampar perto da garganta de Al-Caçab (80), no caminho que leva a Macila.

Enquanto ocupávamos a posição que Abu Hammu determinou, seus adversários da tribo de Zogba, isto é, Khalid Ibn Amer, chefe dos Bani Amer, e os Ulad Arif, chefes da tribo de Suaid, marchavam sôbre Al-Guatfa, com a intenção de nos atacar. Sabedores da notícia, os Zauawida, tomados de pânico, fugiram e nos puzeram na necessidade de recuar até Macila e daí até a província de Zab. Os Zogba, tomando a dianteira e avançando até Titeri, efetuaram sua junção com os Huçain e Abu Zayan, tomaram de assalto o campo de Abu Hammu e o obrigaram a refugiar-se em Tlemcen.

Desde então, êste príncipe tentou durante alguns anos ganhar para seu lado os Zogba e os Riah, esperando recuperar, graças ao seu concurso, os territórios que tinha perdido, vencer seu primo e se desforrar com uma nova expedição contra Bujaya. Quanto a mim, continuei a serví-lo, esfor-

(80) — O desfiladeiro de Al-Caçab situa-se a montante da ribeira que passa perto de Macila e que depois de atravessar a cidade, se vai perder nas areias de Hodna.

çando-me por assegurar-lhe a aliança dos Zauawida, de Abu Ishac, sultão de Túnis, assim como de Khalid, filho e sucessor dêste.

Tendo conseguido fazer reconhecer sua autoridade pelos Zogba (tribo da qual os Hoçain eram uma fração), e congregá-los sob suas ordens, deixou Tlemcen nos fins de 771 (julho de 1370), com o propósito de se vingar das derrotas sofridas em Bujaya e em Titeri. Fui ao seu encontro em Al-Batha, onde lhe apresentei uma deputação dos Zauawida. Marcou encontro com êles em Alger e os despediu. Eu devia ir juntar-me a êles; mas precisei ficar em Al-Batha para dar andamento aos negócios, e, no intervalo, oficiava na presença do sultão durante a solenidade do rompimento do jejum, e pronunciei a *khotba* de circunstância.

Entretanto, propagou-se a notícia de que o sultão merinida, Abd Al-Aziz se apoderara da montanha dos Hintata, perto de Marrocos, depois de um ano de sítio; que tinha feito prisioneiro seu chefe, Amer Ibn Muhammad, e que o tinham levado (81) para Fêz para ser torturado e morto. Soubemos também que êste príncipe cogitava de marchar sêbre Tlemcen, para se desforrar de Abu Hammu, que, enquanto sitiava Amer nas montanhas, tinha feito incursões sôbre o território merinida. Ao receber estas informações, Abu Hammu renunciou à expedição cujos preparativos iniciara, e, resolvendo dirigir-se ao deserto, perto dos Banu Amer, voltou a Telmcen para fazer nela seus preparativos, para a campanha. Reunindo seus partidários, mandou transportar as bagagens e celebrou em seguida a festa do sacrifício.

Vi então que me seria muito difícil ir ter com os Riah, como pretendia. Sabendo também que a guerra era iminente e que tôdas as estradas estavam ocupadas pelo inimigo, tomei a resolução de passar à Andaluzia. Parti com a autorização de Abu Hammu, que me encarregou de levar uma carta para o sultão de Granada. Chegando ao porto de Hunain (82),

(81) — Êste chefe pretendia pôr no trono um jovem príncipe merinida chamado Tachefin. Cf. His. des Ber., t. II, p. 266 e t. IV, p. 376.

(82) — Hunain, veja supras, Apêndice, p. 446, nota 38.

soube que o sultão merinida tinha chegado com seu exército a Teza (Taza), e que Abu Hammu acabava de tomar o caminho de Al-Batha para ganhar o deserto. Não encontrando em Hunain embarcação alguma que me transportasse para o lado espanhol, não me preocupei mais com esta viagem. Foi então que um miserável escreveu ao sultão Abd'ul-Aziz, comunicando-lhe que eu me achava em Hunain, de posse de um depósito precioso que devia entregar ao soberano espanhol por parte de Abu Hammu. O sultão merinida apressou-se em mandar de Taza um destacamento de tropas para me arrebatar o pretenso tesouro, enquanto êle continuava sua marcha sôbre Tlemcen. O destacamento encontrou-me em Hunain, e, como nada descobrisse, me conduziram perante o sultão que acabava de chegar aos arredores de Tlemcen. O príncipe interrogou-me acêrca do depósito, e, quando lhe fiz compreender a verdade, repreendeu-me por ter abandonado o serviço de sua família. Desculpei-me, atirando a culpa sôbre o regente Omar Ibn Abd Allah (83); e vi minha declaração confirmada pelos testemunhos das grandes personagens de sua côrte, como Uatermar (Uanzamar) Ibn Arif, conselheiro íntimo do sultão e Omar Ibn Massud, seu vizir. Não tardei em achar-me num meio favorável. Durante nossa conversa, pediu-me certas informações sôbre Bujaya e, como me dava a entender que seu desejo era apoderar-se da cidade, demonstrei-lhe que sua tomada seria muito fácil. Minhas palavras deram-lhe muito prazer, e no dia seguinte deu ordem de me porem em liberdade. Procurei imediatamente o *ribat* dedicado ao Xeque Bu Midian (84), para onde me retirei, fugindo das lides políticas, e dedicando-me aos estudos, enquanto me deixassem sossegado.

---

(83) — Omar Ibn Abd Allah tinha sido executado por Abd Al-Aziz, três anos antes.

(84) — O túmulo do Xeque Abu Midian, vulgarmente chamado Bu Medìn, está a dois quilômetros a sudeste de Tlemcen. Seu ribat, (colégio, convento) chamado Al-Ubbad, isto é, os adoradores, é sempre freqüentado; a mesquita e seu célebre cemitério estão ainda visíveis.

INGRESSO NO PARTIDO DO SULTÃO ABD'UL-AZIZ, SOBERANO DO MAGRIB

Quando Abu Hammu recebeu a notícia da ocupação de Tlemcen pelo sultão Abd'ul-Aziz, deixou a tôda pressa Al-Batha, e acompanhado de sua família e de seus partidários, os Banu Amer, passou para o território ocupado pelas tribos de Riah. O sultão mandou em sua perseguição um corpo de exército comandado por seu vizir Abu Bacr Ibn Gazi, e conseguiu, por meio de seu conselheiro Uanzamar Ibn Arif, grangear o apoio das tribos de Zogba e de Al-Macal. Lembrando-se da influência que eu exercia sôbre os chefes das tribos de Riah, decidiu-se a me mandar junto delas afim de ganhá-las para a sua causa. Já estava instalado no ribat de Bu Midian, decidido a renunciar ao mundo, e tinha começado a dar aulas, quando recebi do sultão um convite para me apresentar.

Êle me acolheu com tanta bondade e afeto que não pude recusar a missão que me queria confiar; revestiu-me de trajes de honra e me presenteou um cavalo. Depois escreveu aos Árabes Zauawida, comunicando que daí por diante seria por meu intermédio que o sultão lhes transmitiria suas ordens. Em outras cartas endereçadas a Yacub Ibn Ali e a Ibn Muzni, recomendou-lhes que me prestassem auxílio e que procedessem de modo que Abu Hammu deixasse os Banu Amer para se refugiar na tribo de Yacub Ibn Ali (85). No dia de Achura do ano 772 (agôsto de 1370), despedi-me do sultão e parti para Al-Batha onde encontrei o vizir com o exército e os Árabes das duas grandes tribos de Zogba e de Al-Macal. Depois de entregar ao vizir a carta do sultão, continuei meu caminho. Uanzamar me acompanhou, recomendando-me empregasse todos os meus esforços para libertar seu irmão Muhammad que Abu Hammu tinha levado prêso.

Penetrando nos territórios dos Riah, avancei até Al-Macila. Abu Hammu acabava de acampar nas cercanias da cidade, no território dos Ulad Sba' Ibn Yahia, fração dos

(85) — Certamente para vigiar Abu Hammu ou talvez prendê-lo.

Zauawida, cujos guerreiros tinha alistado sob sua bandeira, prodigalizando-lhes dinheiro. Quando esta gente soube de minha chegada, veio procurar-me, e, após minhas representações, prometeu reconhecer a autoridade do sultão Abd'ul--Aziz. Mandei logo os notáveis desta tribo ao campo do vizir Abu Bacr, que acharam no país dos Dialem, perto da ribeira chamada Nahr Uassil (86). Prestaram-lhe então obediência e convenceram-no a passar por seu território e a perseguir seu adversário.

Quanto a mim, prossegui viagem de Al-Macila até Biskra onde encontrei Yacub Ibn Ali que, de acôrdo com Ibn Muzni, consentiu em reconhecer a autoridade do sultão merinida. Yacub mandou então seu filho Muhammad a Abu Hammu, para convidá-lo, assim como a Khalid Ibn Amer, a passarem por seu território e a se afastarem dos países pertencentes ao sultão Abd'ul-Aziz. Encontrou êste príncipe em Doucen no seu caminho para Macila no deserto, e passou tôda a noite a demonstrar-lhe a necessidade de deixar o país dos Aulad Sba' e de se transferir para a parte oriental da província do Zab. No dia seguinte, os negócios não tinham avançado um passo. Ao entardecer, nuvens de pó se levantaram do lado da Thenia (ou Desfiladeiro) e pareciam dirigir-se de seu lado. Montando a cavalo para saber o que poderia ser aquilo, logo descobrira um corpo de cavalaria que desembocava do desfiladeiro. Era a deputação dos Aulad Sba' que, partindo de Macila pouco tempo antes, servia agora de guia às tropas dos Macal, de Zogba e do exército merinida. Ao pôr do sol, estas tropas atingiram o campo de Abu Hammum e o tomaram, apoderando-se de suas tendas, suas bagagens e seus tesouros. Os Banu Amer fugiram, e Abu Hammu só pôde escapar, graças à escuridão. Os que compunham sua família, seus filhos e suas mulheres, dispersaram-se em tôdas as direções; só mais tarde e depois de alguns dias puderam juntar-se a êle, nas Ksour dos Banu Mozab, no deserto. Os Merinidas e os Árabes tomaram um rico despôjo. Muhammad Ibn Arif, irmão de Uanzamar, foi abandonado por seus guardas du-

(86) — O nahr Uassil nasce a leste de Tiaret e desagua no Chelif, a cêrca de 40 km. ao sul de Boghar.

rante o conflito. O vizir Ibn Gazi ficou alguns dias para o descanso das tropas, e recebeu quantidade de víveres e de forragens da parte de Ibn Mozni, partindo depois na direção do Magrib.

Eu passei mais alguns dias em Biskra com os meus, e segui viagem em seguida com uma grande deputação de chefes dos Zauawida, que Abu Dinar, irmão da Yacub Ibn Ali, levava à côrte merinida. Chegámos a Tlemcen antes do vizir e tivemos por parte do sultão a acolhida mais honrosa, chegando mesmo a nos tratar com uma munificência inaudita. O vizir apareceu mais tarde, pelo caminho do deserto, depois de arrazar tôdas as povoações dos Banu Amer que se achavam no seu caminho. O dia de sua recepção na côrte foi um verdadeiro dia de festa. A volta do vizir e de Uanzamar forneceu ao soberano a ocasião para despedir as deputações dos Zauawida, depois de cumular de gratificações e de presentes todos os chefes, que voltaram para seus acampamentos.

Como a presença de Abu Zayan no meio dêstes Nômadas causava ao sultão não poucas preocupações, pensou nos meios de afastar o príncipe, e, temendo que êste último voltasse para o território dos Huçain, pediu minha opinião a respeito e me mandou junto dos Zauawida para tratar do negócio. A tribo dos Huçain acabava de abandonar a causa do sultão. Temendo a ira de um soberano contra quem graves faltas tinha cometido, esta tribo voltou bruscamente para seus acantonamentos e mais que depressa mandou buscar Zayan ao lugar de seu retiro, perto de Aulad àaia Ibn Ali, tomando-o sob sua proteção. Cedendo assim ao mesmo espírito de revolta que a tinha animado contra o govêrno de Abu Hammu, esta tribo acendeu de novo o fogo da guerra no Magrib Central.

Mais ou menos na mesma época, Hamza Ibn Ali Ibn Rachid(87), membro da família de Magraua, deixou secretamente o campo do vizir e se apoderou do país regado pelo Chelif e do território que outrora pentencera a sua família.

---

(87) — A família de Hamza Ibn Ali tinha tido a chefia da grande tribo dos Magraua. Para a história dêste moço, ver a Hist. des Berb. t. III, p. 25 e t. IV, p. 385.

O sultão despachou seu vizir Omar Ibn Massud com um corpo de tropas para sufocar a revolta. Durante êste tempo, quedei-me em Biskra em completo isolamento, não podendo comunicar-me com o sultão senão por escrito (88).

As perturbações que agitavam o Magrib Central me impediram de juntar-me a Abd'ul-Aziz, que, muito inquieto com a tentativa de Hamza Ibn Ali, tinha despachado seu vizir Omar, com um corpo de tropas, para fazer o cêrco do castelo de Taguemmunt (89), onde êste moço se tinha encerrado. De outro lado, Abu, Zayan, o abduluadita, mantinha-se no país dos Huçain. Como o vizir dirigia esta expedição com pouca energia, o sultão chamou-o a Tlemcen e, mandando-o prender, o enviou para Fêz. Partindo então Ibn Gazi com um exército para apressar o sítio, Hamza se viu obrigado a fugir da fortaleza; mas, ao passar por Miliana com alguns de seus partidários, foi reconhecido e detido por ordem do governador, que mandou a todos para o vizir. A necessidade de ostentar uma grande severidade com o fim de amedrontar os outros sediciosos, obrigou Ibn Gazi a decapitar e crucificar seus prisioneiros.

Recebendo ordem de marchar contra Abu Zayan e os Huçain, reuniu em redor de si grande número de tribos de Zogba, avançou até à montanha de Titeri e cercou-a de perto,

---

(88) — Ibn Khaldun estava ainda em Biskra quando lhe chegou a notícia de que Ibn Al-Khatib tinha deixado o serviço do sultão de Granada e se tinha refugiado junto do Sultão Abd Al-Aziz, em Tlemcen. (Ver Hist., des Berb., t IV, p. 390). No momento de deixar a Espanha, êste vizir endereçou uma longa carta a seu soberano, na qual explicou os motivos do seu afastamento. Êste documento foi cosignado por Ibn Khaldun como peça da mais alta importância, pelas informações políticas nela contidas. Comprida de mais para ser reproduzida aqui, estaria melhor colocada numa notícia especialmente dedicada a Ibn Al-Khatib. Deixamos também de traduzir uma carta do autor a Ibn Al-Khatib, em resposta a uma que êste último lhe mandara.

(89) — Aguemmun e seu feminino Taguemmunt significa colina, em língua berbere. Ibn Khaldun conhecia superficialmente o berbere e escreve sempre Tajhammunt. O lugar de que se trata é uma montanha situada no Dahra ,ao Norte de Chelif e a meio caminho de Orléansville e Tenés. Ergue-se à distância de 10 quilômetros a oeste da via estratégica que liga estas duas cidades.

tomando posição do lado Norte, o de Tell. Nessa altura o sultão escreveu aos chefes dos Zauawida e ao emir Ahmad Ibn Muzni, dando ordens aos primeiros de bloquear a montanha do lado Sul, e ao senhor de Biskra de lhes fornecer socorros em espécie.

Em conseqüência de um despacho que me mandou, fui procurar êstes Nômadas, e depois de os convocar, puz-me em marcha com êles, no comêço do ano 774 (julho de 1372). Chegado a Guatfa, parti desta localidade, em companhia de alguns de seus chefes, para encontrar-me com o vizir que se achava apertando o cêrco de Titeri. Especifcou-lhes os deveres que tinham que cumprir, e fixou-lhes o prêço de seus serviços, depois do que, mandou-os para Guatfa, comigo. O cêrco foi apertado com tanto vigor que os Huçain se viram obrigados a se refugiar no tôpo da montanha com seus bens e rebanhos, e se viram na impossibilidade de resistir a um inimigo que os apertava de todos os lados. Uma parte dêles mandou secretamente prevenir o vizir de que desejava entregar-se. O resto da tribo suspeitou de alguma traição: todos, então, cedendo à desconfiança e ao desalento, abandonaram seus entrincheiramentos durante a noite e se lançaram no deserto com Abu Zayan. O vizir tomou posse da montanha e apoderou-se dos bens que êles tinham abandonado. Chegando a um lugar no deserto em que pensavam estar a salvo, declararam a Abu Zayan que não contasse mais com êles, e puzeram-no na necessidade de procurar refúgio nas montanhas dos Gomara (ou Ghomera). Em seguida, mandaram seus chefes principais a Tlemcen, junto do sultão Abd Al-Azziz, e, fazendo ato de submissão, obtiveram uma anistia com autorização de voltarem a ocupar seus antigos territórios.

Por intermédio do vizir, recebi então um despacho do sultão prescrevendo-me conduzisse os Aulad Yahia Ibn Ali do lado da montanha ocupada por seus súditos, os Ghomara, com o fim de agarrar Abu Zayan e de fazer voltar êste povoado à obediência. Chegando aos seus acampamentos, soubemos que Abu Zayan os tinha deixado e que agora se achava em Ouergla, cidade situada no deserto, e cujo governador, Abu Bacr Ibn Sulaiman, acabava de lhe conceder proteção. Os Aulad Yahia retomaram o caminho de seus acampamentos e

eu fui juntar-me a minha família, em Biskra. Daí escrevi ao sultão, pondo-o a par do resultado de nossa expedição, e, esperando suas ordens, lá fiquei residindo.

DE NOVO VOLTO PARA O MAGRIB AL-ACÇA

Enquanto trabalhava em Biskra no serviço do sultão, Abd Al-Aziz, vivia sob a proteção da Ahmaid Muzni, senhor desta cidade. Mantinha debaixo de sua autoridade tôdas as tribos de Riah, e, como lhes dava as subvenções que o sultão lhes mandava, seguiam seus conselhos em todos os negócios que lhes diziam respeito. Mas, percebendo logo a grande influência que eu exercia sôbre elas, o governador ficou vivamente contrariado; e olhando como verdadeiro o que suspeitava, deu ouvidos a tudo o que se lhe relatava, mesmo às mais contraditórias notícias, que os delatores lhe traziam a meu respeito, até que, finalmente, escreveu uma carta cheia de queixumes a Uanzamar, o amigo íntimo e o conselheiro do sultão. Êste comunicou-a ao sultão que não tardou a escrever-me, chamando-me à sua presença.

Deixei Biskra com minha família no ano 774, no dia natalício do Profeta (10 de setembro de 1372). Chegando a Miliana, no Magrib Central, sube que o sultão tinha falecido de doença e que seu filho, Abu Bacr As-Said, criança ainda, tinha sido proclamado soberano por Ibn Gazi, e pôsto sob sua tutela. Disseram-me também que o vizir tinha deixado a tôda pressa Tlemcen, partindo para Fêz com seu fantasma de de soberano. Ali Ibn Hassun Al-Hissati (Al-Nabati), um dos generais e clientes do sultão falecido, era comandante de Miliana. Assentámos partir juntos, e êle me acompanhou até os acampamentos dos Banu'l Attaf. Hospedámo-nos nas tendas dos Aulad Yahia Ibn Muça, e alguns membros desta tribo acompanharam-me até os Aulad Arif. Poucos dias depois, Ibn Hassun vinha juntar-se a mim e partimos para Fêz, tomando a rota do deserto. Aconteceu, porém, que Abu Hammu, sabendo da morte do sultão Abd Al-Aziz, deixou Tigourarin, cidade do deserto, onde tinha se refugiado, e apoderou-se não sòmente de Tlemcen, mas também de tôda

a província. Sabedor de que nós nos achávamos na sua vizinhança, deu ordens aos Bani Yagmur, Xeques da tribo de Obaid Allah, ramo da dos Macal, de nos deter, tão cedo penetrássemos no seu território. Encontramo-nos em Ras Al-Ain, onde o Uadi Za tem sua cabeceira. Alguns dos nossos escaparam, graças à velocidade de seus cavalos, e refugiaram-se na montanha de Debdoua(*); quanto aos restantes, e eu era do número dêles, tivemos que fugir a pé. Os nossos haveres e bagagens, tudo nos foi roubado. Marchámos quasi nus, durante dois dias, num deserto árido, até alcançarmos um país habitado, e encontrámos nossos companheiros em Debdoua. Rumamos na direção de Fêz, onde chegámos no mês de Jumada (novembro-dezembro 1372). Fui imediatamente apresentar-me ao vizir Ibn Grazi e a seu primo Muhammad Ibn Othman. Eu era antigo companheiro dêste último, tendo com êle travado conhecimento na época em que fomos procurar o sultão Abu Salem na montanha de Safiha. O vizir reservou-me a acolhida mais honrosa e mais amigável possível; utrapassou até minha esperança no que tange aos apontamentos e doações que me fez. Conservei, pois, minhas fuções e posição na côrte; desfrutava do conceito público, e ocupava um posto elevado no conselho do govêrno.

NOVA REVOLUÇÃO E NOVOS ACONTECIMENTOS

(O inverno se passou assim; mas, tempo depois, uma nova revolução privou Said de seu trono. Ibn Al-Ahmar ficou muito descontente com a partida de Ibn Al-Khatib, que tinha abandonado seu serviço, e pediu ao vizir Ibn Gazi a extradição do fugitivo. Vendo negado seu pedido, mandou à África o emir Abd'ul-Rahman Ibn Abi Ifellucen, príncipe merinida, que tinha até então guardado em cativeiro honrado, segundo desejo do falecido sultão Abd Al-Aziz. Quando de seu advento ao poder, Abd Al-Aziz tinha-se visto exposto às tentativas de seus próprios parentes, e foi esta a razão porque os tinha

(*) — Debdoua, a Leste de Moluia e a 18 Km. a Sudeste de Guercif.

mandado fechar a todos. Abd' ul-Rahman desembarcou em Gassaça, porto do Rif marroquino, situado a oeste do cabo Tês Forcas, e a tribo desta localidade, os Botua, o proclamou Sultão. Pouco tempo depois, o príncipe Abu'l-Abbas Ahmad, filho do sultão Abu Salem, recuperou a liberdade, e Abd' ul--Rahman apressou-se em reconhecê-lo como sultão do Magrib, reservando para si as províncias de Sijilmassa e de Dera. Puseram cêrco, então, a Vila Nova de Fêz e forçaram o vizir Ibn Gazi a se render. O novo sultão, Abu'l-Abbas, entrou na capital dos Estados Merinidas, no dia 20 de Junho de 1374, e, em conseqüência de um grande ajuste com êle, o emir Abd ur-Rahman obteve a soberania da cidade e da província de Marrocos.

(Na época em que retomamos o fia da narrativa de Ibn Khaldun, o sultão de Fêz tinha como vizir Muhammad Ibn Othman, e o de Marrocos acabava de autorizar o seu, Massud Ibn Maçai, a se retirar para Espanha).

Desde a minha chegada junto do vizir Ibn Gazi, quedei--me na sombra tutelar do govêrno, e ao mesmo tempo dedicava-me ao estudo e ao ensino. Quando o sultão Ab'ul-Abbas e o emir Abd' ur-Rahman vieram acampar em Kodiat-Al-Arich, (colina situada a oeste da Vila Nova), todos os funcionários públicos, tais como os jurisconsultos, os homens da pena e os de espada, foram procurá-lo. Depois, permitiram a todo o mundo sem exceção, ir visitar os dois sultões, e eu aproveitei a ocasião par vê-los.

Já fiz menção de como procedi com o vizir Muhammad Ibn Othman; agora êle me demonstrou grande reconhecimento e me fez as promessas mais lisongeiras. Por sua vez, o emir Abd' ur-Rahman acaba de me demonstrar uma inclinação particular e consultava-me muitas vêzes a respeito de seus negócios. Isso descontentou a Ibn Othman, e instigou seu sultão, Ab'ul-Abbas, a me deter. Ao saber da notícia, o emir Abd' ur-Rahman, protestou, dizendo que era por causa dêle que me tinham tratado dêste modo, e declarou sob juramento que levantaria seu campo se não me soltassem. No dia seguinte, seu vizir, Massud Ibn Maçai, obteve minha libertação, e, três dias depois, os dois sultões se separavam. Ab'ul-Abbas

entrou na sua capital, e Abd' ur-Rahman tomava o caminho de Marrocos.

Eu acompanhei êste último, mas, não estando seguro de minha posição, resolvi embarcar em Asfi (no Atlântico) e passar para a Espanha. Ibn Maçai acabava de deixar o serviço de Abd' ur-Rahman; aprovou meu intento e me levou ao pé de Uanzamar Ibn Arif, que se achava nas imediações de Guercif (na Moluia), localidade em que ordinàriamente residia. Como êste personagem tinha prestado grandes serviços ao sultão Abu'l-Abbas, o vizir esperava obter para mim, por seu intermédio, a autorização de seguir para a Espanha. Um estafeta, expedido por Abu'l-Abbas veio nos chamar na residência de Uanzamar e nos levou para Fêz, onde, depois de muitos atrasos e de dificuldades opostas por parte de Muhammad Ibn Othman, de Solaiman Ibn Daud e de outros grandes oficiais da côrte, obtive a permissão solicitada.

Quanto a meu irmão Yahia, tinha deixado o sultão Abu Hammu quando êste abandonou Tlemcen, e tinha-se ido pôr ao serviço do sultão merinida Abd' ul-Aziz. Falecendo êste príncipe, continuou a exercer as funções de seu ofício com Said, filho e sucessor dêle. Quando da tomada da Vila Nova por Abu'l-Abbas, obteve dêste a licença de ir para Tlemcen, onde se tornou secretário particular do sultão Abu Hammu.

SEGUNDA VIAGEM PARA A ESPANHA; VOLTO PARA TLEMCEN; MAIS UMA VEZ NAS TENDAS DOS NÔMADAS. FIXO RESIDÊNCIA ENTRE OS AULAD ARIF

Saindo de Fêz em companhia do emir Abd'ur-Rahman, deixei-o logo mais para ir me encontrar com Uanzamar Ibn Arif, que obteve para mim com muita dificuldade a autorização de passar para a Espanha. Foi sòmente no mês de Rabia de 776 (agôsto - setembro de 1374) que desembarquei neste país, em que tinha firmado o propósito de fixar residência e de passar o resto de meus dias no retiro e no estudo. Chegando a Granada, apresentei-me ao sultão Ibn Al-Ahmar, que me acolheu com sua bondade peculiar.

Passando por Gibraltar, encontrei-me com o juriscon-

sulto Ibn Zamarak, que tinha substituido Ibn Al-Khatib no Secretariado de Estado e que se achava em trânsito para Fêz, onde ia levar cumprimentos ao sultão Abu'l-Abbas por parte do rei de Granada. Na hora em que embarcou para Ceuta, roguei-lhe que me mandasse meus filhos e o pessoal de minha casa. Chegando à capital merinida, conversou com os ministros a êste respeito; mas êles não consentiram, temendo que, ficando eu na Espanha, fizesse pressão sôbre o sultão Ibn Al-Ahmar para que favorecesse os empreendimentos do emir Abd'ur-Rahman, na suspeita de que eu fôsse emissário dêste último. Pediram, mesmo, ao soberano espanhol que me entregasse nas mãos dêles, e, vendo sua negativa, pediram que eu fôsse desembarcado nas costas da província de Tlemcen. Deram-lhe também a entender que tinha tentado libertar a Ibn Al-Khatib, que guardavam detido depois da tomada de Vila Nova. É verdade que eu tinha solicitado em seu favor as personagens mais categorizadas do Estado e empregado para salvá-lo a intervenção de Uanzamar e de Ibn Maçai. Mas foi tudo em vão (90). O sultão já estava mal dispôsto comigo quando Ibn Maçai chegou a Granada, e, quando êste último lhe deu a conhecer meu procedimento no negócio de Ibn Al-Khatib, tomou-me de aversão, e, segundo os desejos de meus inimigos, mandou-me desembarcar em Hunain, na costa africana.

Já nas páginas anteriores contei como tinha instigado os Árabes do Zab a combaterem Abu Hammu, sultão de Tlem-

---

(90) — Quando Ibn Al-Khatib deixou o serviço de Ibn Al-Ahmar para passar para a África, fizeram acreditar ao soberano que seu antigo vizir ia lá para induzir o sultão merinida Abd Al-Aziz a empreender uma expedição contra o reino de Granada. Mais tarde, o sultão Abu'l Abbas mandou deter a Ibn Al-Khatib, a pedido do monarca espanhol, e Ibn Zamrak, vizir dêste, veio a Fêz para exigir a punição do trânsfuga. Em vista do quê, foi constituída uma comissão e Ibn Al-Khatib teve de comparecer perante ela. Para disfarçar a irregularidade do processo, acusou-se o prisioneiro de ter inserido nos seus escritos proposições mal soantes; procurou-se então, por meio de torturas, arrancar-lhe a confissão do crime imputado; depois disso, madanram-no de volta para a prisão, onde o vizir do sultão de Fêz o mandou assassinar. Pormenores em Hist. des Berb. t. IV, p. 411.

cen; também êste príncipe não olhou com muito bons olhos minha presença numa das suas cidades. Consentiu, todavia, em me chamar à sua capital, graças à intervenção de Muhammad Ibn Arif, que tinha vindo desempenhar-se de uma missão junto dêle. Chegando a Tlemcen, fui procurar o *"ribat"* chamado de "Al-Ubbad" para me recolher nêle. No ano 776, dia da festa da ruptura do jejum (5 de março de 1375), minha família e meus filhos vieram juntar-se a mim. Comecei então a dar aulas públicas; mas o sultão, julgando necessário ganhar para a sua causa os Árabes Zauawida, escolheu-me para ser seu agente no meio dêles. Como tinha renunciado aos negócios para viver no recolhimento, sentia grande repugnância em me encarregar desta missão; mas fingi aceitá-la com prazer. Partindo para Al-Batha, segui à direita, para alcançar Mendès, e, chegando ao sul do monte Guazul (91), encontrei-me com os Aulad Arif, que me acolheram com presentes e honras. Fixei residência no meio dêles, e êles mandaram em Tlemcen buscar minha família e filhos. Comprometeram-se também a representarem junto do sultão que eu estava impossibilitado de cumprir a missão que êle me confiára. E de fato, agiram de tal modo que êle aceitou minhas desculpas. Estabeleci-me então em Calat Ibn Salama (92), castelo fortificado no país de Banu Toujin e que os Zauawida desfrutavam como *icta'*, doado pelo sultão. Fiquei alí durante quatro anos, completamente livre de qualquer preocupação, longe das agitações da política, e foi ali que comecei a composição de meu trabalho (sôbre a História Universal). Neste retiro acabei os *Prolegômenos,* obra cujo plano é completamente original, e para cuja execução tinha tomado o melhor de u'a massa enorme de material e de informações.

Volto para Túnis, perto do Sultão Abu'l-Abbas, e me estabeleço nesta cidade. Residindo em Calat Salama, instalei-me

---

(91) — Guazul, monte que se situa a cerca de dez quilômetros a sudoeste de Tiaret. Mendès é um planalto do território dos Flita, a oeste de Tiaret.

(92) — As ruínas de Calât Ibn Salama, chamadas agora Taurzut ou Taugzut, (lugar onde se fazem razias), se acham a cinco ou seis km. a sudoeste de Frenda, posto francês situado sôbre o Uad et-Taht, um dos ramos superiores do Mina.

num grande e sólido pavilhão que Abu Bacr Ibn Arif tinha mandado construir. Durante minha longa permanência neste castelo tinha completamente esquecido o reino do Magrib e o de Tlemcen para me ocupar ùnicamente da presente obra. Quando passei à *História dos Árabes, dos Berberes e dos Zanota,* depois de ter terminado *os Prolegômenos,* desejava grandemente consultar muitos livros e coletâneas que se encontravam sòmente nas grandes cidades; tinha que corrigir e pôr a limpo um trabalho quase inteiramente ditado de memória; mas neste tempo, fui acometido de uma doença de tanta gravidade, que se, não fôsse uma graça particular de Deus, teria sucumbido.

Levado pelo desejo de ir ter com o sultão Abu'l-Abbas, e de rever a cidade de Túnis, morada de meus pais, na qual deixaram muitos vestígios de sua existência, e que encerra seus túmulos, solicitei dêste príncipe a permissão de voltar para a autoridade hafsida. Pouco tempo depois, recebi cartas régias e o convite de ir encontrar-me com êle sem demora. Apressando os preparativos da partida despedi-me dos Aulad Arif com um bando de Beduinos dos Riah, vindos a Mendès à procura de provisões de trigo. Partimos no mês de Rajab 780 (Outubro-Nov. de 1378) e seguimos a rota do deserto até Doucen, cidade limítrofe da província do Zab. Depois, segui pelos planaltos do Tell, acompanhado por alguns servidores de Yacub Ibn Ali que encontrei em Farfar, aldeia que êste chefe árabe tinha fundado no Zab. Conduziram-me perto de seu senhor, que se achava nas imediações de Constantina, no acampamento do emir Ibrahim, filho de Abu'l-Abbas, sultão de Túnis. Fui me apresentar a êste príncipe, que me acolheu com uma bondade que me deixou confuso; deu-me a autorização de entrar em Constantina, e de deixar ali minha família sob sua proteção enquanto eu fôsse ver o sultão, seu pai. Yacub Ibn Ali me forneceu uma escolta comandada por seu irmão Abu Dinar.

O sultão Abu'l-Abbas acabava de deixar Túnis com suas tropas, para ir castigar os Xeques das cidades do Jarid e fazê-los voltar ao caminho do dever. Foi nas imediações de Souça que nós pudemos alcançá-lo. Acolheu-me com benevolência e dignou-se consultar-me sôbre negócios muito im-

portantes. Depois mandou-me para Túnis, onde Farah, seu liberto e lugar-tenente tinha ordem de me testemunhar as marcas de distinção possíveis e de fornecer alojamento, tratamento e rações para meus cavalos. Cheguei a Túnis no mês de Chaban do mesmo ano (novembro-dezembro de 1378), e, tendo-me instalado alí sob a proteção do sultão, descansei o cajado da viagem. Vindo minha família juntar-se a mim, achámo-nos, finalmente, reunidos no campo da felicidade que êste príncipe nos abriu.

A ausência do sultão prolongou-se até que êle tivesse subjugado as cidades do Jarid e quebrado as fôrças dos insurretos. Yahia Ibn Yamlul (93), chefe principal da revolta, refugiou-se em Biskra, junto de seu cunhado, Ibn Muzni, e o sultão distribuiu aos próprios filhos as cidades conquistadas. Muntacir obteve os cantões de Nafta e de Nafzaua que tinham Touzer como sede de comando; seu irmão Abu Bacr estabeleceu-se em Gafsa. O sultão, de volta para Túnis, demonstrou-me muita consideração e admitiu-me, não sòmente nas suas audiências, como também nos seus colóquios privados.

Os cortezãos viram com inveja estas marcas de confiança e esforçaram-se por me perder no espírito do príncipe; mas, achando que suas delações não produziam efeito, empenharam-se em envenenar o ódio que por mim nutria Ibn Arafat, grande mufti e imame da grande mesquita. Quando moços, estudámos juntos com os mesmos mestres, e, apesar de ser êle mais velho que eu, tive muitas vêzes ocasião de demonstrar que eu era melhor aluno do que êle. Desde àquela época, não deixou de me odiar. Logo que cheguei a Túnis, os estudantes e até os alunos de Ibn Arafat vieram pedir-me que lhes ministrasse lições, e, como acedi a seu rôgo, êste doutor achou-se profundamente humilhado e ferido. Chegou, a fazer mesmo, intimações terminantes à maior parte dêles, para que me deixassem. Como não lhe prestaram nenhuma atenção, seu ódio para comigo duplicou.

Ao mesmo tempo, os cortezãos procuraram indispor o sultão contra mim, trabalhando, de comum acôrdo, para me

(93) — Yamlul, ortografia incerta. Em língua berbere, o têrmo Imlul significa branco.

caluniar e prejudicar-me. Porém, o príncipe não ligou nenhuma importância às suas intrigas. Como êle procurava sempre adquirir novos conhecimentos nas ciências e na história, tinha-me encarregado de trabalhar no remate de minha obra; por isso, logo que terminei a *História dos Berberes e dos Zanata,* e acabei de consignar por escrito tôdas as informações que pude colher sôbre as duas dinastias (dos Omaiyas e dos Abbassidas), assim como sôbre os tempos ante-islâmicos, fiz uma cópia para sua biblioteca.

Como tinha renunciado à poesia para me dedicar aos estudos sérios, meus inimigos acharam aí pretexto para dizer ao sultão que eu evitava compor poemas em sua honra, como o tinha feito em honra de outros soberanos, por não o achar digno de louvores. Tendo percebido a trama por obséquio de um amigo que tinha entre os cortezãos, aproveitei uma ocasião que se oferecia e apresentei ao sultão o exemplar de meu livro com a dedicatória, e recitei um poema no qual celebrava suas belas qualidades e suas vitórias, terminando por pedir-lhe que aceitasse o volume como sendo a melhor justificativa por ter eu deixado a poesia. (O autor dá longos trechos do poema).

Entretanto, os cortezãos, estimulados por Ibn Arafat, recorriam a todos os meios para me prejudicarem ante o sultão, e se concertaram para decidí-lo a me levar em sua companhia quando partisse em campanha. (Querendo a tôda fôrça afastar-me da cidade), fizeram entender a Farah, governador de Túnis, que teria tudo a temer de minha parte, se eu ali ficasse por mais tempo. Resolveram que Ibn Arafat representaria ao sultão que minha estadia na capital seria perigosa para o Estado. Êste homem falou com o sultão no assunto, numa ocasião que eu estava ausente, fazendo-lhe uma declaração formal para êste efeito. O sultão começou por dizer-lhe que não tinha razão; mas depois me preveniu de que iria empreender uma expedição e que eu teria que o acompanhar. Embora esta ordem me contrariasse muito, apressei-me a obedecer, não podendo proceder de outra maneira. Parti, pois, com êle para Tebessa, de onde devia dirigir-se a Touzer, com o fim de expulsar de lá, Ibn Yamlul, que, em 783, havia tomado Touzer ao filho do sultão.

No momento de deixar Tebessa, o soberano me deu ordem de partir para Túnis. Chegando à capital, fui para as minhas terras, chamadas *os Mirtos*, para proceder às colheitas. Voltando o sultão de sua expedição, após vencer tôdas as resistências, voltei também com êle para Túnis. No mês de Chaban 784 (outubro 1382) renovou os preparativos para invadir o Zab, país onde o emir Ibn Muzni dava sempre asilo e proteção a Ibn Yamlul. Receando ser obrigado a acompanhá-lo, e sabendo que havia no porto um navio pertencente a mercadores de Alexandria, o qual recebia mercadorias com destino àquêle porto, implorei do sultão que me deixasse partir para Meca. Obtido seu consentimento, dirigi-me para o porto, seguido de um mundo de estudantes e das pessoas de mais destaque da côrte e da cidade. Depois de ter feito a todos minhas despedidas, tomei o navio, no dia 15 do mês de Chaban (25 de outubro de 1382) e pude enfim achar sossêgo para os estudos.

PARTI PARA O ORIENTE E DESEMPENHEI AS FUNÇÕES DE CÁDI NO CAIRO

No 1.º dia do mês de Chaual, chegámos ao porto de Alexandria, depois de uma travessia que durou cêrca de quarenta dias. Oito dias antes de nossa chegada, Malik Al-Daher (Barcuc) tinha tirado o trono da família de seus antigos senhores, os decendentes de Calaoun. O fato não nos surpreendeu de modo algum, porque a fama de sua ambição havia se expandido para longe. Passei um mês em Alexandria fazendo meus preparativos para a peregrinação. Mas as circunstâncias me impediram de cumprir meu intento e, seguindo caminho, dirigi-me para o Cairo.

Em primeiro de Dul'-hijja (5 de fevereiro de 1383), fazia minha entrada na metrópole do universo, o jardim do mundo, o formigueiro da espécie humana, o pórtico do islamismo, o trono da realeza, cidade que regorgitava de magníficos palacetes e castelos, ornada de conventos de derviches e de colégios, iluminada por luminares de saber e estrêlas de erudição. Em cada margem do Nilo, estendia-se um paraíso; o curso de

suas águas desempenhava, aos olhos dos habitantes, o papel dos mananciais do céu, que lhes proporcionavam com abundância frutas e mantimentos (94). Atravessei as ruas da cidade atravancadas de uma azáfama de gente, e regorgitantes de tôdas as delícias da vida.

Não parávamos de falar de uma cidade que ostentava tantos recursos e apresentava tantas provas da civilização mais adiantada. Antigamente tinha perguntado a meus mestres e meus condiscípulos, quando voltavam de sua peregrinação ou de suas viagem comerciais, o que pensavam do Cairo; a resposta de todos êles, se diferente pela forma, era sempre a mesma pelo fundo. Assim meu professor Al-Macarri, grande Cádi de Fêz e chefe do corpo dos Ulemas, me disse: "Quem não viu o Cairo não conheceu a grandeza do islamismo"! Nosso mestre Ahmad Ibn Idrissi, chefe dos Ulemas de Bujaya, interrogado por mim, respondeu-me que os habitantes eram fora de conta, querendo dizer ao mesmo tempo, com isso, que seu número era incalculável, e que a felicidade que gozavam os impedia de fazer conta do futuro. Citarei ainda a palavra de nosso mestre Abu'l-Cassim Al-Burji, Cádi militar de Fêz, que, no ano 756, quando voltava de uma missão junto do soberano do Egito, respondeu ao sultão Abu Inan, que lhe perguntara o que pensava do Cairo: "O que se vê em sonho ultrapassa a realidade; porém, o que se poderia sonhar do Cairo (imaginar o que êle é) ficaria abaixo da realidade". O que deixou todos os presentes maravilhados.

Poucos dias depois de minha chegada, vieram os estudantes, em grande número, pedir-me que lhes desse aulas. Embora leve de saber, vi-me forçado aquiescer a seus desejos, e comecei a dar aulas na mesquita de Al-Azhar (95). Depois fizeram minha apresentação ao sultão que me acolheu com afabilidade e me determinou uma pensão sôbre o fundo de suas obras pias, como era seu hábito com os homens de ciência. Enfim, mitigou, com seus dons, as penas do ostracismo. Nutria a esperança de ver minha família vir sem demora

(94) — Há bastante diferença entre o texto de Al-Macarri e a edição de Boulac.

(95 — Al-Azhar é, ainda hoje, a primeira Universidade do Egito.

juntar-se a mim; mas o sultão de Túnis, impediu-a de seguir, esperando que eu voltasse para junto dêle. Afim de o fazer mudar de opinião, precisei recorrer aos bons ofícios do sultão do Egito. Nesta época, vagou uma cadeira no colégio d'Alcamha (96), com a morte do professor titular, e o Malek Al-Daher me escolheu para ocupá-la.

Era esta a minha posição, quando o sultão, num momento de ira, destituiu o Cádi do rito malikita. Há aqui um Cádi para cada um dos quatro ritos ortodoxos; todos êles levam o título de Cádi'l-cudat (juiz dos juízes); mas a proeminência pertence ao Cádi chafiita, não sòmente por causa da extensão de sua jurisdição, que se exercia sôbre as províncias orientais e ocidentais como sôbre o Said e o Fayum, mas também porque só a êle pertence o direito de fiscalizar a administração dos bens dos órfãos e dos legados testamentários.

No ano 786 (1384) o sultão desistiu o Cádi malikita, como acabei de dizer, e me fêz a honra de me nomear para o pôsto vago. Foi em vão que lhe supliquei que me dispensasse; não escutando senão a sua vontade, revestiu-me de trajes de honra e mandou os grandes oficiais da côrte instalar-me no tribunal estabelecido no *Colégio Salahiya,* situado na rua chamada Bain Al-Casrain.

No cumprimento dos deveres que me competiam, trabalhava com um zêlo digno de encômios, empregando todos os meus esforços para justificar a boa opinião do príncipe que me tinha confiado a aplicação dos preceitos divinos. Para não deixar nenhuma prêsa à maldade dos censores, esforçava-me por aplicar a justiça a todo o mundo, sem me deixar influir pela posição ou poderio de quem quer que fôsse; protegia o fraco da prepotência do forte; repelia tôda a ingerência,

---

(96) — O Colégio D'Alcamha (do Trigo) foi fundado no ano 566 (1171) pelo sultão Saladino, que o destinou ao ensino do direito malikita. Instalou quatro professôres neste colégio, que se tornou a principal escola dos malikitas. O estabelecimento possuia uma terra no Fayum, cujas colheitas de trigo (camh) eram regularmente distribuídas aos alunos. Daí, seu nome de Camhiya. Em 825 (1422) Barsbai apoderou-se de uma parte dos bens pertencentes à instituição e os concedeu a dois de seus mamelucos. Cf, Macrizi, Khitat, t. II, p. 364 ed. Boulac.

tôda a tentativa, quer de uma parte quer de outra, restringindo-me a ouvir as provas testemunhais. Preocupava-me também com examinar o procedimento dos *adel* (97), que serviam de testemunhas nas atas, e constatei que havia entre êles homens perversos e corruptos. Isto provinha da fraqueza do *hakam* (98), que, em lugar de investigar a fundo e com rigor o carácter dêste indivíduos, se contentava com as aparências, deixando-se influenciar pelo prestígio do alto patrocínio que parecia envolvê-los. Vendo-os empregados, quer como imames domésticos nas casas de pessoas de categoria, quer como preceptores encarregados do ensino do Alcorão aos filhos de gente rica, o hakam os considerava como homens de bem, e, para torná-los amigos seus, dizia nos relatórios informativos, que dirigia ao Cádi, que eram pessoas de probidade comprovada. O mal era inveterado; traços escandalosos de fraude e de prevaricação dêstes *adel* corriam de bôca em bôca, chegando muitos dêstes delitos ao meu conhecimento, o que me levou a castigar seus autores com a maior severidade.

Vim também a saber, sôbre alguns dêles, coisas que depunham contra a sua integridade moral, razão que me obrigou a impedí-los de servirem de testemunha. Entravam neste número certos escrivães agregados aos divans dos Cádi e encarregados

---

(97) — Os Adel desempenhavam as funções de tabelião, de acessor do Cádi, e de escrivão. Ver Prolegôm. I, p. 410 do presente volume.

(98) — Pelo têrmo "hakam" o autor certamente designava o oficial encarregado de fiscalizar a administração judiciária e de fazer executar as sentenças proferidas pelo Cádi. Pelo que segue, vê-se também que desempenhava o papel de "mozakki", isto é, purificador, que consistia em indicar ao Cádi as pessoas cujo testemunho podia ser recebido no tribunal. Quando o Cádi tinha certa dúvida sôbre a integridade da testemunha, dirigia-se em segredo ao mozakki do quarteirão, indagando se o indivíduo era ou não merecedor de fé. O mozakki fazia uma espécie de inquérito, para se inteirar sôbre se o homem era "puro" e virtuoso ou se era um homem viciado. Se o relatório era favorável, chamavam a isso "tazkiyat" ou purificação, ou "tadil", isto é, justificação. No caso contrário, usava-se a designação "tajrih": ferida, desaprovação, condenação. A raiz do têrmo significa ferir; com efeito, o relatório desfavorável lesava a reputação daquêle a quem se referia. Ver supra nota 97 e p. 410.

de registrar as sentenças pronunciadas na audiência; homens acostumados à redação das queixas, hábeis em formular julgamentos e que se faziam empregar por homens poderosos para lhes redigirem as atas e convenções. Isto os colocava numa posição privilegiada e acima dos seus colegas e confrades, e influia de tal modo nos Cádis que êstes magistrados não ousavam dirigir-lhes a menor observação. Certa categoria especializou-se em atacar as atas mais autênticas, com o fim de anulá-las como viciadas, quer quanto à forma, quer quanto ao fundo. O oferecimento de um presente, ou a perspectiva de qualquer vantagem material, bastava para os levar por êste caminho. Era particularmente o caso quando se tratava de *"Uakf"* (bens consagrados perpétuamente em benfício das mesquitas ou das obras pias), que existiam em número incalculável na cidade do Cairo. Como havia alguns bens cuja instituição era ignorada ou pouco conhecida, achava-se, na jurisprudência de uma ou da outra das quatro escolas jurídicas, algum meio para anular grande número delas. Quem desejava comprar ou vender um *"uakf"* fazia um arranjo com êstes trapaceiros, e obtinha dêles uma atuação eficaz. Isso se praticava com desprêzo da autoridade dos magistrados, que em vão tentavam pôr um paradeiro a estas prevaricações, impedindo o escárneo do bom direito.

Apercebendo-me de que, em conseqüência dos ataques dirigidos contra os *"uakf"*, o mesmo espírito de embuste voltava suas armas contra os títulos de propriedade, os contratos e os bens imóveis, implorei a ajuda de Deus e trabalhei para a extirpação dêstes abusos, sem me inquietar com o ódio que minha intervenção ia suscitar.

Prosseguindo, ocupei-me dos *mutfi* (legistas consultores) de nosso rito. Esta gente tinha colocado os juízes numa situação impossível por sua desobediência e seu afoitamento em ditar para os litigantes setenças jurídicas (*fatwa*) inteiramente contrárias aos julgamentos que os aludidos juízes acabavam de pronunciar. Entre êles se achavam homens de nada, que depois de se arrogarem o título de estudantes de direito e a qualidade de *"adel"*, aspiravam audazmente à posição de "mufti" e de professor, sem nenhum direito a qualquer dêstes títulos. Todavia, alcançavam os ditos postos,

sem muito trabalho e sem estudos preparatórios. Ninguém tinha a coragem de os repreender, nem de exigir dêles um exame de capacidade, porque formavam um corpo formidável pelo número. Por isso, nesta cidade, a pena do mufti era posta a serviço de todos os litigantes: êstes lutavam, brandindo cada qual uma sentença que condenava a outra parte, e cada qual fazendo valer seu direito, certo da derrota do adversário. O mufti indicava tôdas as voltas e rodeios da chicana; dando a cada um a sentença que desejava e que mais lhe agradava. As mais das vêzes, as sentenças se contradiziam, e, para aumentar a balbúrdia, eram emitidas depois da decisão. Por outro lado, as diferenças que ofereciam os códigos das quatro escolas jurídicas eram tão numerosas que mal se podia obter uma boa e honesta justiça. Aliás, por sua vez, o público era incapaz de apreciar o mérito de um mufti ou valor de uma fatwa. Embora as ondas dêstes abusos subissem cada vez mais, entretendo uma perpétua desordem, eu empreendi pôr um paradeiro (a tão grande mal).

Para mostrar que tinha resolvido com firmeza sustentar o bom direito, sem todavia sair dos limites da mais estrita justiça, puz um freio aos abusos dos ignorantes e dos interessados, recusando as pretensões e desmandos de uns e de outros; enfrentei a audácia de inúmeros charlatães, parte dêles vinda do Magrib, e que tinham apanhado, daqui e dalém, uma provisão (ou sortimento) de têrmos científicos que lhes serviam para deslumbrar os espíritos; gente essa incapaz de provar que tinha estudado com um mestre reputado, ou de mostrar uma só obra de sua lavra; impostores que zombavam da boa fé do público e que, nas suas reuniões e cambalachos, compraziam-se em caluniar os homens de bem e insultar tudo o que merecia respeito. Todo o seu ódio concentrou-se também sôbre mim. Foram juntar-se a outras pessoas de sua laia, os habitantes das Zawia (os derwiches), gente que ostenta a devoção para se fazer valer, ao mesmo tempo que insulta a Majestade divina; gente que, quando tomada por árbitro numa demanda, decide segundo a inspiração de Satanaz e com desprêzo da justiça, pondo-se em franca oposição com a lei divina, sem se deixar deter na sua temeridade por nenhum sentimento de religião.

A todos êstes intrigantes, tirei o apoio com que contavam; mandeio-os castigar segundo as ordenações de Deus, sem que os protetores com quem contavam pudessem subtraí-los à minha severidade. Assim, os lugares de seu refúgio ficaram abandonados, e a fonte donde jorrava tanta maldade foi estancada. Instigaram sujeitos maus a atacar-me na minha honra e a espalhar tôda a espécie de calúnia e de mentira a meu respeito. Faziam mesmo chegar aos ouvidos do sultão queixas e mumúrios atribuindo-me injustiças imaginárias, em que êste príncipe se recusou a acreditar.

Durante êste tempo, ofereci a Deus, como um título à sua honra, todos os desgôstos com que os inimigos me fartavam. Desprezei as intrigas miseráveis, e caminhava reto no caminho do dever, com a resolução firme e bem formada de manter o direito, de evitar tôdas as vaidades do mundo, e de me mostrar inflexível perante as pessoas de categoria que pretendiam influenciar-me.

Não eram êstes os princípios dos Cádis meus colegas; por isso, censuraram a minha austeridade, aconselhando-me a seguir o sistema que tinham concertado seguir, a saber, agradar aos grandes, mostrar deferência para com as pessoas de destaque e julgar debaixo de sua influência tôdas as vêzes que se podiam salvar as aparências. "Ou então, diziam-me êles, despedir as partes quando há muitas causas para julgar; porque se pode, no caso, fundar-se sôbre a máxima que um Cádi não está na obrigação de ter as suas sessões quando há outro Cádi na localidade". Entretanto êles sabiam (tôda a iniquidade) da combinação feita entre si. Desejava saber como pensavam desculpar-se perante Deus de terem salvo as aparências, tendo a certeza de que, procedendo assim (lesavam gravemente a justiça). O Profeta já o disse: "Se arrogo a alguém o bem alheio, é um lugar no inferno que eu lhe arrogo".

Fechava, pois, os ouvidos às suas recomendações, firmemente decidido a cumprir tôdas as obrigações de meu cargo, assim como todos os meus deveres perante quem me revestiu de uma dignidade de tanta responsabilidade. Por causa disso é que tôda esta gente fez causa comum contra mim e apoiou os que se queixavam de mim. Alvoroçados em altos gritos, quiseram fazer crer àquêles a quem neguei idoneidade de

testemunhas que meu modo de proceder era ilegal. "Nesta matéria, êle se norteia pelo conhecimento pessoal que possui das regras de recusa, quando na verdade o direito de recusar ou desaprovar (longe de ser individual) é do consenso comum". Também as línguas se assanharam contra mim, e levantou-se um clamor geral que me envolvia. Certas pessoas, que me tinham pedido um julgamento a seu favor, vendo-se derrotadas, fizeram-se porta-vozes de meus inimigos e foram levar as suas queixas ao sultão. Uma assembléia numerosa, composta de cádi e de mufti, foi encarregado de examinar a questão, e saí dêste negócio tão puro e limpo como o ouro depois de passar pelo cadinho. A perversidade de meus inimigos ficou, assim, patente aos olhos do sultão, e eu, para os mortificar mais ainda, apliquei contra os mesmos as sanções estabelecidas por Deus.

Então *saíram êles de manhã com um desígnio bem determinado* (Corão: LXVIII, v. 25) e continuaram suas intrigas junto dos íntimos do sultão e dos grandes da côrte, fazendo-lhes ver quão odioso foi meu procedimento de não ligar a mínima consideração às solicitações das pessoas altamente colocadas, e que tal procedimento demonstrava, de minha parte, completa ignorância dos usos e costumes de meu cargo. Para fazer acreditar em tais falsidades, atribuiram-me ações abomináveis das quais bastava sòmente uma para me atrair a indignação do homem mais pacato e o ódio de todos os homens honestos. Um clamor de indignação levantou-se contra mim; mas Deus pedir-lhes-á conta de tanta calúnia, e é d'Êle que receberão a justa retribuição. Desde aquêle momento, os homens do govêrno não me mostraram mais a anterior benevolência.

Na mesma época um golpe cruel abateu-se sôbre mim: tôda a minha família tinha se embarcado num porto do Magrib para se juntar a mim; mas o navio sossobrou numa tempestade e todos que iam nêle pereceram. Assim, num só golpe, perdi para sempre riqueza, felicidade e filhos. Prostrado pelo infortúnio e pela desgraça, procurei consolação na oração, e houve um momento em que pensei demitir-me de meu cargo; mas, receoso de descontentar o sultão, ouvi os conselhos da prudência, e continuei no pôsto. O favor divino

não tardou em me socorrer nesta aflição. O sultão — que Deus o proteja! — pôs o remate às suas bondades ao permitir-me que descarregasse de meus ombros o fardo que eu não podia mais carregar, e que deixasse um pôsto, cujos usos, ao que se pretendia, eu não conhecia. Assim, remeti o cargo de cádi a quem o exercia antes de mim, e vi-me desembaraçado dos entraves que me prendiam. Voltando à vida privada, achei-me outra vez envolto da consideração geral: lastimavam o meu infortúnio; elogiavam-me; faziam votos para minha felicidade; todos os olhares exprimiam simpatia para comigo; e todos os votos se faziam para que fôsse reintegrado no meu ofício. O príncipe, sempre bondoso, deixou-me gozar das vantagens que me tinha outorgado, e continuou a ter-me sob sua alta proteção. Mas eu, limitando meus desejos à felicidade da vida eterna, ocupei-me de lecionar, de ler o Alcorão, compilar e redigir, na esperança de que Deus me permitiria passar o resto de meus dias no exercício da devoção e que faria desaparecer tudo o que se pudesse opor à minha felicidade na vida futura.

MINHA PEREGRINAÇÃO A MECA

Três anos acabavam de transcorrer, desde minha destituição, quando tomei a resolução de cumprir minha peregrinação. Tendo-me despedido do sultão e dos emires, que proveram mais que abundantemente a tôdas as minhas necessidades, deixei o Cairo no meio de Ramadam 789 (outubro de 1387), dirigindo-me para o Tor (Sinai), porto situado na costa oriental do mar de Suez. No décimo dia do mês seguinte, embarcava em Tor, e depois de um mês de navegação chegava a Yambo. Tendo encontrado o Mahmal (99) neste lugar, acom-

---

(99) — Mahmal é uma espécie de caixão piramidal, coberto de enfeites e de inscrições, e carregado no lombo de um camelo. O soberano do Egito mandava um todos os anos para Meca, com a caravana dos peregrinos: o mahmal era a liteira simbólica do soberano que organizava oficialmente a caravana portadora da Kiswou ou ornamentos riquíssimos que deviam guarnecer a Ka'ba. O mahmal africano servia de ponto de reunião para os peregrinos africanos vindos do Magrib,

panhámo-lo até Meca, onde fizemos nossa entrada no dia 2 do mês de Dul-Ca'da. Depois de cumprir com os deveres de peregrinação, eu estava, no mês seguinte, de volta a Yanbo, onde fiquei cinqüenta dias antes que o tempo tornasse possível ao navio tomar o mar. Partimos. Mas, chegados perto de Tor, um vento contrário impediu-nos de abordar, e nos obrigou a atravessar o mar e a desembarcar na costa ocidental, em Cosair. Dêste porto, fomos escoltados pelos Árabes até Cous, lugar do Alto Egito. Depois de alguns dias de folga e de descanso, seguimos viagem pelo Nilo; trinta dias mais tarde, no mês de Jumada (maio - junho 1381), chegámos ao Cairo. Apressei-me a levar meus cumprimentos ao sultão, informando-o de que tinha feito orações e votos para sua felicidade. Acolheu minhas palavras com agrado e continuou a me favorecer com sua proteção.

Tempos depois, êste príncipe foi submetido a uma rude prova(100) mas, tendo-o Deus colocado de novo no trôno, continuei a gozar junto dêle da habitual benevolência. Desde que retornei da peregrinação, até êste momento, ou seja até ao começo de 797 (fim de outubro de 1394), continuei a viver no retiro, gozando boa saúde e ùnicamente ocupado em es-

---

dos oasis saharianos ou mesmo do Niger e do Tchad. A caravana de Damasco, prolongada desde o século XVI até Constantinopla, era acompanhada do mahmal do sultão e seguia a sua rota tradicional a leste do Mar Vermelho, atrvés da Arábia Petrea. Estas duas caravanas eram dirigidas por um personagem notável, o emir al-haj, que pertencia à família do sultão e era seu delegado. (Nota dos Trad).

(100) — No ano 791 (1389) Barcuc foi destronado por Ilboga que restituiu o trono a Malik Al-Achraf, príncipe que Barcuc tinha destituido da autoridade suprema. Alguns meses depois, Barcuc retomava o poder.

Antes desta passagem, Ibn Khaldun, referindo-se a Yanbo, fala longamente de seu encontro ali com o jurisconsulto Abu'l-Cacim Muhammad, filho de Ibrahim As-Saheli e neto de At-Tuaiji. Êste doutor, vindo também em peregrinação, era portador de uma carta para nosso autor, por parte deIbn Zamrak, vizir e secretário particular de Ibn Al-Ahmar, rei de Granada, que êle se apressou em entregar. Nesta missiva, parte em prosa, parte em verso, o vizir lembra a Ibn Khaldun sua antiga amizade e lhe pede que apresente ao sultão Barcuc um poema feito em sua honra, que deixamos de traduzir por ser de pouco valor.

tudar e lecionar. Queira Deus dispensar-nos suas graças, estender sôbre nós sua sombra tutelar e ter nossas obras como meritórias!

O QUE SUCEDEU A IBN KHALDUN DEPOIS DE SUA VOLTA DE MECA ATÉ A SUA MORTE (101)

No dia 10 de Ramadan 801 (17 de maio de 1399), um correio foi expedido para Uali Id-Din Abd'ur-Rahman Ibn Khaldun, retirado na sua aldeia, situada na província de Fayum. Chamavam-no do Cairo para as funções de cádi malikita, lugar para o qual o Cádi Charaf ud-Din ofereceu a soma de setenta mil dirham, que o sultão recusou. No dia 15 do mesmo mês, Ibn Khaldun chegou ao Cairo e foi investido do cargo de Cádi malikita, em substituição de Nassir ud-Din At-Teneci, que acabava de falecer. Logo ao assumir o pôsto, mandou abrir um inquérito sôbre a moralidade dos indivíduos que serviam de testemunhas, e ordenou o fechamento de muitas tabernas de bebida, que foram reabertas mais tarde quando de sua deposição".

Na época, o govêrno egípcio parece ter seguido a norma de não conservar o mesmo cádi em exercício senão por um tempo assaz curto; quase cada mês havia destituições e nomeações de cádi, por isso, não demorou muito a substituição de Ibn Khaldun. Aliás, tinha êle perdido seu melhor apoio, o sultão Barcuc, que faleceu em 15 Chaual 801 (21 de junho de 1399).

"Quinta feira, 12 de Muharram 801 (4 de setembro de 1400) o Cádi supremo Ibn Khaldun foi substituído pelo Cádi Nur ud-Din Ali Ibn Jalal, em conseqüência de uma promessa feita a êste último".

Segundo Ibn Cádi Chohba, o motivo desta mudança foi a severidade de Ibn Khaldun e sua prontidão em aplicar penalidades. Nesta ocasião, foi citado perante o ministro de Estado

---

(101) — Terminando aqui a notícia escrita por Ibn Khaldun, tiramos os documentos que seguem de autores como Makrizi e Ibn Cádi Chohba, assim como de Ibn Arabchah, que nos conta o encontro de nosso autor com Timur-Ling.

e pôsto em arresto. Algum tempo depois foi nomeado professor do colégio malikita, em substituição de **Ibn Jalal.**

No mês de Rabi I do mesmo ano (nov. dez. de 1400), Malik an-Nasser Faraj, filho de Baruc e sultão do Egito, recebia a notícia de que Timur Ling (102) acabava de tomar de assalto a cidade de Alepo. Temendo a mesma sorte para Damasco e as outras cidades da Síria, Faraj deixou o Cairo no mesmo dia e foi acampar perto de Raidaniya, mesquita situada fora da porta de Bab-al-Fotuh. De lá, tomou o caminho de Damasco, levando consigo seus emires, o califa, os grandes cádis dos ritos chafeita, malikita e hanbalita, deixando o cádi hanefita, por estar doente. Ordenou ao emir Yachbek que partisse para o mesmo destino e que levasse consigo Ibn Khaldun.

É sabido que o govêrno egípcio aceitava a supremacia religiosa dos Abbassidas, e que guardava junto de si, no Cairo, um simulacro de califa pertencente a esta família.

Quinta feira, 6 do mês de Jumada I (24 de dezembro de 1400), o sultão fez sua entrada em Damasco e foi instalar-se na cidadela. Sabendo que a vanguarda de Timur Ling se aproximava da cidade, saiu, sábado, para ir ao seu encontro. Dois combates tiveram lugar, e Timur Ling quase decidiu evitar um terceiro encontro, quando muitos emires egípcios, e um grande número de mamelucos, abandonando o sultão, tomaram o caminho do Cairo. Ao que se diz, pretendiam pôr no trôno um oficial mameluco chamado Xeque Ladjin. Os outros mamelucos, consternados por esta traição, arrebataram o sultão, de noite, sem o exército saber, e o reconduziram ao Egito. O restante das tropas debandou, com exceção do pequeno destacamento que formava a guarnição da cidade. Os habitantes pensaram em fazer uma vigorosa resistência, mas, vendo-se envolvidos por tôda parte, decidiram mandar o grande Cádi, com uma deputação de doutores, de negociantes e de pessoas notáveis, para negociar com Timur. Como o comandante da guarnição egípcia não queria consentir em arranjo algum, nem permitir que a deputação saísse da cidade, os delegados se fizeram descer do alto das muralhas por meio

(102) — **Timur Ling** ou **Tamerlan**, o célebre conquistador tártaro: seu nome significa **Timur, o coxo.**

de cordas, e foram depois ao acampamento dos Tártaros. Timur, tendo-os recebido, consentiu em se retirar mediante uma contribuição de um milhão de dinares (doze milhões de francos ouro); mas quando a quantia lhe foi entregue, exigiu mais dez mil dinares. Cometeram a imprudência de o deixar ocupar uma das portas da cidade por um destacamento de tropas encarregadas de manter a ordem entre os Tártaros que entravam na cidade para fazer suas compras. Timur aproveitou-se da circunstâncias para se apoderar da praça. Arrebatou aos habitantes tôdas as suas riquezas, e mandou matar a muitos no meio de torturas. O resto dos habitantes foi levado para o cativeiro, e Damasco foi devorada pelas chamas.

Vamos narrar o que aconteceu a Ibn Khaldun durante estas ocorrências. "O cádi'l-cudat Uali ud-Din Abd'ur-Rahman Ibn Khaldun estava em Damasco quando da partida do sultão. Sabendo da notícia da sua volta para o Egito, Ibn Khaldun desceu do alto da muralha por uma corda e foi encontrar-se com Timur. Êste príncipe o acolheu com distinção e o hospedou junto de si; depois deu-lhe autorização de seguir para o Egito".

"Quando Ibn Khaldun estava encerrado em Damasco, desceu do alto da muralha por meio de uma corda, e, tendo ido ao meio das tropas de Timur, foi levado à presença de seu chefe. Timur, admirado de sua bela fisionomia, e encantado com suas palavras, o fez sentar-se e lhe agradeceu o ter-lhe proporcionado conhecer um homem de tanto saber. Reteve-o ao pé de si e dispensou-lhe as maiores honras, até o momento em que o autorizou a partir. Forneceu-lhe também provisões para sua viagem.

"Quinta feira, 1.º de Chaban (17 de março de 1401), Ibn Khaldun chegou ao Cairo, depois de deixar Damasco com a autorização de Timur, que lhe tinha dado um salvo conduto assinado do próprio punho. O escrito compunha-se dos seguintes têrmos: "Timur Gorgan" (103). Graças à intervenção de Ibn Khaldun, muitos prisioneiros tiveram licença de partir. Entre êles se achava o Cádi Sadr ud-Din Ahmad, filho do

(103) — Na opinião de Abul Mahacen, a palavra Gurghan significa aliado dos reis por matrimônio. O historiador de Timur, Ibn Arabchah confirma esta etimologia.

grande cádi Jamal ud-Din Al-Caisari, e inspetor do exército".

Eis como Ibn Cádi Chohba se manifesta sôbre os mesmos acontecimentos: "No primeiro dia do mês Chaban, o Cádi Uali ud-Din Ibn Khaldun chegou ao Cairo com o cádi Saad ud-Din, filho do Cádi Charaf ud-Din, o hanbalita. Eram do número dos que tinham sido deixados na Síria e a quem os inimigos tinham cortado a retirada. Ibn Khaldun se achava entre os outros Cádis quando sairam de Damasco para irem encontrar-se com Timur. Êste príncipe, tendo sabido quem êle era, o recebeu com grande honra, e pediu-lhe uma lista por escrito dos países e dos desertos do Magrib, assim como o nome das tribos que habitavam estas regiões. Depois de fazer explicar esta lista em língua persa, mostrou-se muito satisfeito com o trabalho do autor e perguntou-lhe se não tinha compôsto alguma história do Magrib. Ibn Khaldun respondeu: "Mais que isso, redigi a história do Oriente e do Ocidente e nela falei de todos os reis; compuz mesmo uma notícia sôbre vós, e desejaria fazer-vos a leitura de seu conteúdo, para poder corrigir os erros que possa conter". Timur deu-lhe a autorização e, ao ouvir a própria genealogia, perguntou-lhe como chegou a sabê-la. Ibn Khaldun disse que recebeu as informações da bôca de mercadores fidedignos que tinham visitado os países do soberano. Leu-lhe em seguida a narrativa das conquistas de Timur, de sua história pessoal, e origem de sua fortuna. Depois de ouvir esta leitura, o príncipe, externando sua satisfação, disse ao autor: "Quer vir comigo ao meu país?" Ao que êle respondeu: "Eu amo o Egito e o Egito me ama; é preciso absolutamente que me permitais que volte para lá, seja agora, seja mais tarde, afim de poder pôr meus negócios em ordem. Voltarei em seguida, a colocar-me sob vossas ordens". O príncipe deu-lhe licença de partir e de levar consigo as pessoas que desejava. Tenho esta narrativa do cádi Chihab Ad-Din Ibn Al-Eizz, que tinha assistido a uma parte dessa conversa".

Os extratos citados, registram, pois, que nosso autor teve uma entrevista com o soberano Mogol, e que o famoso conquistador o recebeu com agrado. Servem também, até certo ponto, de confirmação da narrativa de um outro historiador contemporâneo, Ibn Arab-Chah. Eis a tradução do passo,

tal como o conta êste historiador da *"Vida de Timur"*, intitulada *"Ajaib Al-Macdur"*.

Quando os habitantes de Damasco se viram decepcionados (pela partida inesperada do sultão do Egito), reconhecendo a grande desdita que isso significava, reuniram os grandes da cidade, os chefes e os estrangeiros de mais destaque, que ali se achavam, a saber: o grande cádi hanefita Ibn Al-Eizz; seu filho, o grande cádi Chihab ud-Din; grande cádi hanbalita Ibn Muflih, o grande cádi hanbalita de Naplous, Chams ud-Din; o cádi Ibn Abi Taiyeb, secretário particular do sultão; o cádi e vizir Chiab ud-Din Ibn As-Chahid, — o título de vizir conservava ainda certo brilho; o cádi chafeita Chihab ud-Din al--Jaiyani, o cádi hanefita Ibn al-Coucha e o Naib al-Hokm (lugar-tenente do governador). Estas personagens saíram da cidade para irem pedir graça, depois de se terem concertado sôbre a conduta que deviam ter (diante do invasor).

Ao partir o sultão com as tropas egípcias, o cádi Ibn Khaldun viu-se envolvido pelas tropas de Timur. Era o cádi um homem distinto e um daquêles que tinham vindo a Damasco com o sultão. Quando êste desistiu de sua emprêsa, Ibn Khaldun não se apercebeu provàvelmente da retirada, de modo que ficou dentro da cidade, prêso como dentro de uma rêde. Tinha se hospedado no Colégio Adliya, e foi ali que as personagens aludidas foram procurá-lo para remeterem à sua prudência a conduta dêste negócio. Como as idéias de todos êles eram idênticas, confiaram a Ibn Khaldun a inteira direção da embaixada. Com efeito, não podiam dispensar seu valioso concurso: era malikita de escola e de aspecto, um segundo Asmai pela eloqüência e saber. Partiu com êles, levando na cabeça um leve turbante e envergando trajes elegantes e um burnus tão fino como seu espírito, e semelhante, por sua côr, às primeiras sombras da noite.

Foi escolhido para chefiar a deputação, indo todos perfeitamente dispostos a aceitar as condições, vantajosas ou não, que êle pudesse obter por suas palavras e diligências. Comparecendo à presença de Timur, ficaram de pé, cheios de temor e de apreensões, até que o príncipe se dignou acalmar sua inquietude permitindo-lhes que se sentassem. Então se aproximou dêles com afabilidade e passou de um para outro

sorrindo a cada um, e depois, começou a examiná-los com atenção, observando seus modos e estudando suas palavras. Admirado do aspecto de Ibn Khaldun, cujos trajes eram diferentes dos de seus colegas, disse: "Êste homem não é do país". O que levou a uma conversação, cujos pormenores daremos mais adiante. Acabada a conversa, foram servidos à delegação pratos de carne cozida pondo-se na frente de cada um uma porção conveniente. Alguns se abstiveram por escrúpulo de conciência; outros deixaram de tocar nêles, para se entregarem ao prazer de uma palestra; mas alguns, e entre êstes Ibn Khaldun, se puseram a comer com muito bom apetite...

Durante a refeição, Timur os examinava furtivamente, e Ibn Khaldun, de vez em quando, voltava os olhos para o príncipe, abaixando-os cada vez que o príncipe olhava para êle. Por fim, levantando a voz, disse o seguinte: Senhor e emir! Dou graças a Deus todo-poderoso; por minha presença neste mundo, dei a ilustação aos reis dos povos, e, por minha obra histórica, eu fiz reviver a lembrança de seus grande feitos. Vi muitos príncipes árabes, visitei as diversas côrtes; conheci os países do Oriente e do Ocidente; conversei com os emires e os governadores. Agora, graças a Deus, vivi bastante tempo para que meus olhos possam comtemplar um verdadeiro rei, um príncipe que sabe realmente governar. Se, nas outras mesas régias, os alimentos servidos garantem a vida do hóspede, os vossos (alimentos) enobrecem os que se sentem à vossa mesa, e os deixam orgulhosos". Encantado de ouvir tais palavras, Timur exultou de satisfação, e, voltando-se para o lado do orador, não prestou mais atenção a nenhum dos presentes, conversando sòmente com êle. Perguntou-lhe os nomes dos reis do Ocidente, sua história e a de suas dinastias, escutando com vivo interesse .

Ibn Khaldun, Cádi supremo malikita do Egito, compôs uma belíssima e grande obra histórica, a qual, na opinião de uma pessoa que a viu, leu e compreendeu, é redigida segundo um plano inteiramente original. O autor é um homem de uma grande habilidade nos negócios, e um literato de primeira ordem. Quanto a mim, nunca tive a ocasião de o ver. Vindo à Síria com o exército (do Egito), quando da retirada

dêste, ficou nas mãos de Timur. Como a afabilidade do príncipe o tivesse pôsto à vontade, disse a êste numa das suas conversas: Senhor e emir! eu vos peço a graça de me dar licença de beijar essa mão que deve subjugar o mundo! Uma outra vez, quando falava com Timur a respeito dos reis do Ocidente e lhe contava uma parte de sua história, o príncipe que sentia grande prazer em ler as obras históricas e em fazê-las ler, manifestou o desejo de o levar em sua companhia. A êste convite, Ibn Khaldun deu a seguinte resposta: Senhor e emir! não é mais possível que o Egito tenha outro senhor senão vós. Quanto a mim, vós tomais o lugar de riqueza, de família, de filhos, de pátria, de amigos e de parentes. Perto de vós, esqueço os reis, os chefes, os grandes e mesmo a espécie humana inteira, porque tôdas as qualidades que a tudo isso dão valor, se acham reunidas em vossa pessoa. Sinto sòmente um único pesar: o de ter passado tanto tempo de minha vida longe de vosso serviço, e de não ter tido mais cedo a ocasião de encantar meus olhos com a contemplação de vosso aspecto majestoso. Mas, enfim, o destino reparou o dano; eu vou poder trocar a ilusão pela realidade, e terei muita razão para repetir êste verso do poeta:

Que Deus possa recompensar vossa intenção; mas, ai de mim! tarde chegastes.

Cercado de vosso favor, vou entrar numa vida nova; queixar-me-ei da fortuna por me ter afastado durante muito tempo de vossa presença; passarei o resto de meus dias a vos servir; apegar-me-ei a vosso estribo, considerando-me cumulado de honras, e será o período mais brilhante de minha carreira. Nada me entristece, não fôssem meus livros, na composição dos quais passei tôda minha vida, trabalhando noite e dia. Depositei nêles os frutos de meus estudos: a História do Mundo, desde a criação, e a dos reis do Ocidente e do Oriente. Se voltar a ter êstes livros na mão, eu vos darei o primeiro lugar entre os soberanos; com a narrativa de vossas proezas, ajuntarei uma trama brilhante no tecido da História, e farei de vosso império o diadema que coroará o fronte do Tempo. Pois vós sois o homem das batalhas, cujos triunfos resplandeceram com o brilho mais intenso chegando até os confins do Magrib. Vós sois anunciado pela voz dos fa-

voritos de Deus; vós nascestes sob a grande conjugação dos planetas, vós sois o imame esperado no fim dos tempos. Minhas obras estão no Cairo, e, se pudesse reavê-las, não me afastaria um palmo de vosso estribo. Agradeço a Deus ter-me deixado ver um homem que me saiba apreciar, servir de patrão e de protetor, etc .

Timur pediu-lhe que descrevesse o Magrib, seus reinos, seus caminhos, cidades, tribos, e povos... Ibn Khaldun descreveu-lhe tudo, fazendo ver tudo como se estivesse debaixo de suas vistas, e ao contar os fatos, teve o cuidado de dar aos acontecimentos uma forma de harmonia com as idéias de Timur...

Timur autorizou-o a partir para o Cairo afim de trazer sua família, seus filhos e suas obras, fazendo-o jurar que voltaria sem demora, assegurando a Ibn Khaldun que na sua volta encontraria a sorte mais feliz. Ibn Khaldun partiu para a cidade de Safad, e se livrou de uma posição difícil".

Chegando ao Cairo, nosso autor não tardou em voltar à vida pública. No mês de Ramadan do mesmo ano (Abril--maio de 1401) foi êle nomeado grão cádi malikita do Egito, em substituição de Jamal ud-Din Al-Acfachi, e, no mês de Jomada II (Janeiro de 1402) foi substituido por Jamal ud-Din Al-Bisati. Depois de diversas substituições sucessivas, no meio de Ramadan 808 (5 de março de 1406) substituiu Al-Bisati, mas morreu vinte dias depois (15 de março de 1406), com a idade de setenta e quatro anos.

Tal foi a carreira de Ibn Khaldun.

* * *

Entregue contra vontade às ocupações contrárias a suas inclinações, e obrigado a sacrificar às exigências de sua posição de homem de Estado o amor que nutria pelo retiro e pelos estudos, procurou sempre esquivar-se às agitações políticas, conseguindo às vêzes seu intento.

Foi durante êstes momentos de curtos lazeres que pôde satisfazer seus gôstos favoritos e escrever muitas obras, das quais uma sòmente chegou até nós; obra que compreende a sua *História Universal, e os Prolegômenos,* que lhe servem de Introdução Geral, e que bastaram para imortalizar-lhe o nome.

A leitura da Autobiografia e de certos capítulos da História Universal, demonstram com clareza que, como homem de Estado e homem de côrte, Ibn Khaldun era dotado da qualidade rara de poupar seus amigos, e mais ainda a de os levar a retribuir-lhe, quando onipotentes e gozando dos favores do soberano. Soube guardar amigos, mesmo entre os inimigos dos diversos soberanos que êle serviu sucessivamente deixando uns após outros. Seu belo físico e simpática figura, a elegância de seu porte e de seus trajes contribuiram talvez para o seu sucesso como diplomata e como cortesão; mas foi certamente devido às suas qualidades de amabilidade e à sua grande instrução que deveu a vantagem de ser bem acolhido pelos grandes em tôda a parte onde se apresentava. É verdade que, no dizer do Al-Macarri, êle teve muitos inimigos, que se queixavam de seu humor intrigante e caviloso, sua mania de contradição, e de discussão a respeito de tudo e de nada, sua descortezia, seu espírito rígido e inflexível. Não se sabe ao certo até que ponto estas queixas eram fundadas, mas pode-se ver pela Autobiografia que êle tinha ofendido uma classe numerosa, a classe dos homens da Lei, cujo amor próprio e interesses tinha ferido, no exercício de funções muito importantes, pondo a claro sua ignorância e prevaricações.

A História não foi desde o começo objeto de seus trabalhos. Antes de se ocupar dela, tinha compôsto muitos tratados sôbre diversas matérias, tratados que não possuimos.

O vizir Liçan ud-Din Ibn Al-Khatib, para quem nosso autor se mostrou sempre um amigo devotado, fala com admiração dêstes escritos e nos fornece a lista destas obras perdidas:

1.º Um comentário sôbre *Burda,* poema célebre compôsto por Al-Bosire em louvor de Muhammad;

2.º Um *Talkhis,* ou Epítome da maior parte dos Tratados de Averroés;

3.º Um tratado de Lógica;

4.º Um *Talkhis,* ou Epítome da Suma (Muhassal) de teologia composta pelo Imame Fakhr ud-Din Al-Razi;

5.º Um tratado de matemática;

6.º Um comentário sôbre um poema em verso técnico (rajaz) devido à lavra do vizir Ibn Al-Khatib e contendo uma exposição dos princípios fundamentais da jurisprudência.

A esta lista podem juntar-se muitas cartas e um grande número de poemas cujos fragmentos figuram na Autobiografia e na Biografia de Ibn Al-Khatib.

Mas a obra à qual Ibn Khaldun deve sua fama, é a História Universal, e os Prolegômenos que lhe servem de introdução. Tendo que analisar longamente *os Prolegômenos,* algures, digamos alguma coisa sôbre a sua História Universal.

Compõe-se esta vasta compilação de notícias, às vêzes muito extensas, sôbre todos os povos e todos os impérios que figuraram no mundo, desde os tempos mais remotos até aos últimos do século XIV. Redigida segundo um plano de todo novo, o que o próprio autor aponta com evidente satisfação, êle se afasta muito da forma ordinária das crônicas compostas anteriormente. Em lugar de se agarrar à ordem cronológica dos acontecimentos, desde o comêço do mundo até o tempo do autor, consagra uma seção especial, e às vêzes um quadro genealógico, a cada raça, a cada povo e a cada dinastia. Nestas notícias, reuniu o autor tôdas as informações até então esparsas em diversos livros. Êste sistema oferece, sem nenhuma dúvida, grandes vantagens; fornece sôbre cada povo e cada dinastia uma notícia mais ou menos completa. Para fazer esta Coletânea de monografias, o autor consultou a principais obras históricas, genealógicas e geográficas da literatura árabe, e foi consultando-as com cuidado, e condensando as

indicações obtidas, que compôs esta série de memórias. Sua primeira intenção não era escrever uma *História Universal*. Retirado num antigo castelo situado nas cercanias de Tiaret, tinha se limitado, nos primeiros tempos, a tratar das dinastias e das tribos que então conhecia melhor, as da Mauritânia. Deu a esta parte o título *História dos Berberes;* precedida de uma Introdução ou Prolegômenos. Mais tarde, completou seu trabalho, com uma nova série de memórias relativas aos povos e dinastias do Oriente.

Compondo *os Prolegômenos,* Ibn Khaldun tinha principalmente em mira traçar um quadro do progresso da civilização realizado até à sua época, e fornecer a seus leitores todos os conhecimentos preliminares que devem possuir para abordar, com fruto, o estudo da História Geral.

Ao terminar a edição dos Prolegômenos pretendemos completá-la por um estudo panorâmico desta obra que constitui a Filosofia Social de Ibn Khaldun.

ERRATAS

Página	Linha	Errata	Corrigenda
4	23	Depois de "307", ajuntar: do Vol. I desta trad.	
7	33	Deve-lhe	Deve-se-lhe
9	6	dseprezo	desprêzo
15	9	inspirava	inspiravam
"	29	372	732 H
16	10	meu deu	me deu
17	4	eminentes	eminentes
"	25	nativo de Jaen	nativo do Alto Egito
18	1	Mutanabi	Mutanabbi
21	33	cerco	cêrco
22	9	Heskura	Haskura
24	21	depeois	depois
25	1	conrta	contra
26	15	decidid-me	decidí-me
28	26	devitamento	devotamento
29	1	prêso como eu eu	prêso como eu
"	18	estabelceu-se	estabeleceu-se
"	20	sobrepticamente	sub-reticiamente
30	22	deposto	depôsto
31	27	preso	prêso
34	4	gurera	guerra
38	7	cedo	cêdo
"	34	cedo	cêdo
39	33 e 34	excelentes	excelente
40	14	que me recebeu	me recebeu
42	30	destestava	detestava
44	20	sébre	sóbre
"	38	supras	súpra
46	28	Aulad aiaa	Aulad Yahia
47	33	significa	significam
50	28	Abd Al-Azziz	Abd Al-Aziz
51	21	sube	scube
52	3	cedo	cêdo
"	4	encontramo-nos	encontrámo-nos
"	12	Rumamos	Rumámos
"	19	utrapassou	ultrapassou
"	20 e 21	fuções	funções
"	22	posto	pôsto
66	18	era êstes	eram êstes
67	27	dêle	d'Êle

Nascido em Túnis, que também foi berço de Santo Agostinho, no ano de 1332, e falecido em 1406, Ibn Khaldun, homem de Estado, intelectual e fidalgo, como inúmeros outros que engrandeceram o Império Árabe no trato do pensamento e das artes, — foi fundamentalmente um pensador; hostoriador, sociólogo, filósofo ou jurista, notabilizou-se pela fôrça criadora e pela capacidade ensaística de seu pensamento.

Escreveu o Barão Carra de Vaux a seu respeito, em "Les Penseurs de l'Islam": "Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História. A psicologia dos povos, as causas de suas variações, o modo de formação e evolução dos Impérios, a diversidade das Civilizações, o que corrompe ou que lhes estorva a marcha, são questões que êle apresenta da maneira mais consciente em sua obra, — "Os Prolegômenos" ou "A Filosofia Social".

Precursor dos sociólogos como dos economistas, diante de sua obra, Baudin se surpreendeu ao verificar o rigor do método, baseado na lei da causalidade, e o número de conceitos expendidos, matéria que sòmente quatro séculos depois seria tratada por Adam Smith. Muito antes que qualquer outro, analisa a divisão do trabalho, e estuda a especialização profissional; admite o caráter produtivo dos serviços, coisa que o próprio Smith não chegou a admitir. E ainda se lhe deve uma teoria sôbre a moeda, sôbre o valor, sôbre a teoria dos fatos econômicos e sobretudo o que é a primeira teoria relativa ao "optimun" de população. Historiador da grandeza árabe, foi Ibn Khaldun o primeiro a bater-se pela revisão da História em bases sociológicas: "Os acontecimentos que ocorrem na sociedade humana apresentam caracteres de uma natureza particular, caracteres que não se devem perder de vista quando se tem por tarefa contar os fatos e reproduzir narrativas e documentos relativos às sociedades passadas". "Na confecção e distribuição das matérias dêste livro, adotei um plano original, elaborei um método novo de escrever a História, escolhendo um caminho que certamente surpreenderá o leitor, e seguindo uma marcha e um sistema inteiramente próprios. Ao tratar do que se relaciona com a formação da Sociedade e o estabelecimento da Civilização, estendi-me, com razão, a descrever tudo o que a Sociedade Humana oferece como circunstâncias características. Apontei as causas dos acontecimentos e mostrei por que caminho os fundadores dos Impérios entraram. O leitor, não se achando mais na obrigação de crer cegamente nas narrativas, poderá agora conhecer melhor a História do passado e ficará habilitado a prever os acontecimentos que poderão surgir no futuro".

Isto em fins do século XIV. E dizer-se que ainda hoje a História não se livrou ainda do anedotismo consagrador de pessoalismos que parece terem adquirido cadeiras-cativas no stadium da História...

Êste, o genial pensador árabe Ibn Khaldun, êste o seu pensamento e esta a sua obra — "Os Prolegômenos" ou "A Filosofia Social", que acaba de ser publicada em nosso idioma, em tradução integral e direta do idioma original, pelo ilustre estudioso da cultura árabe, sr. José Khoury, do Instituto Brasileiro de Filosofia, com a colaboração de sua esposa, Prof.ª Angelina Bierrenbach Khoury, Catedrática de Ciências na Escola Normal Alexandre de Gusmão, desta Capital. Uma obra de beneditinos, que a sentiram, viveram e trabalharam pelo espaço de quarenta anos...

O poeta e ensaista Jamil Almansur Haddad, que muito influiu para a publicação da obra (Editora Comercial Safady Limitada — S. Paulo — 1958), em sua breve apresentação, em que ressalta, com justiça, a excelência do texto brasileiro, disse o suficiente para a merecida consagração do sábio Ibn Khaldun e de sua obra:

"Sem falsa modéstia, nem legítima, ficam estas considerações assim como rabiscos que um turista distraido deixa no mármore de um monumento venerável".

(Página Literária de "A Gazeta" de 17 de janeiro de 1959).

DOS MESMOS TRADUTORES

NO PRÊLO

IBN KHALDUN
OS PROLEGÔMENOS
OU
FILOSOFIA SOCIAL

TOMO II E III

EM PREPARAÇÃO

Uma edição em castelhano dos Prolegômenos
de Ibn Khaldun

La obra de Aben Jaldun, que puede considerarse como "sintesis y compendio de la Cultura musulmana de su tiempo", contiene una Introdución (PROLEGOMENOS) que es un verdadero tratado de sociologia y de doctrina históricas, non superado en importância hasta nuestros dias.

R. Altamira:
Historia de España y de la
Civilización Española, II, p. 360

ÍNDICE GERAL

DAS

Matérias Contidas nos Três Volumes

DE

"OS PROLEGÔMENOS"

DE

IBN KHALDUN

TOMO I

PRIMEIRO LIVRO

PRIMEIRA PARTE

Do Estado Social em Geral

SEGUNDA PARTE

Do Estado Social entre os Nômadas, os Homens semi-selvagens e os que se organizaram em tribos

TERCEIRA PARTE

Das Dinastias, Da Realeza, Do Califado Dignidades do Sultanato (ou Govêrno Temporal)

APÊNDICES

TOMO II

(NO PRELO)

TERCEIRA PARTE (continuação)

QUARTA PARTE

Das Aldéias, Cidades, e outras localidades habitadas por populações sedentárias; Circunstâncias que se apresentam

QUINTA PARTE

Dos meios de se procurar a Subsistência; Sôbre a Aquisição; Sôbre as Artes, de tudo o que a elas se referir

SEXTA PARTE

Das ciências e de suas diversas espécies; Do ensino; Seus métodos e tudo que se prende ao mesmo

TOMO III

Das Artes e das Ciências — (continuação)

APÊNDICES